

VITOR LOPES COSTA

**LIDANDO COM A VIOLÊNCIA: A CONSTRUÇÃO E TRANSMISSÃO DE
REPERTÓRIOS DE SEGURANÇA ENTRE PROSTITUTAS.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de
Freitas

BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2013

Resumo

Nesse trabalho discuto as múltiplas formas de violência a que as prostitutas estão sujeitas em diferentes locais de trabalho na cidade de Belo Horizonte; e os diferentes repertórios de técnicas que elas desenvolvem para lidar com isso. Estes repertórios de segurança representam uma parte fundamental de seu conhecimento profissional e, em geral, são criados e transmitidos durante o trabalho sexual. Estes conhecimentos, sua utilização e seu compartilhamento entre as mulheres que exercem a prostituição varia de acordo com seu local de trabalho. Esta dissertação é uma investigação de como são criados, utilizados e transmitidos os conhecimentos relacionados à segurança das prostitutas de rua, de boates e das zonas de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Gênero; Prostituição; Violência.

Abstract

In this work I discuss the multiple forms of violence that prostitutes are subjected to in different workplaces in the city of Belo Horizonte; and the different repertoires of techniques they develop to deal with it. These safety repertoires represent a fundamental part of their professional knowledge and are usually created and transmitted during sex work. This knowledge, its use and its sharing among prostitution women varies according to their place of work. This dissertation is an investigation of how the knowledge related to the safety of street prostitutes, nightclubs and the “zonas” of Belo Horizonte are created, used and transmitted.

Key words : Gender ; Prostitution ; Violence.

Sumário

1. Introdução	5
2. Metodologia	15
3. Repertórios de segurança desenvolvidos na região da Rua dos Guaicurus	20
4. Repertórios de segurança desenvolvidos em boates	40
5. Repertórios de segurança desenvolvidos nas ruas	56
6. Conclusões	75
7. Referências Bibliográficas	83

Introdução

Nesse trabalho discuto as múltiplas formas de violência a que as prostitutas estão sujeitas e os diferentes repertórios de técnicas que elas desenvolvem para lidar com isso. De um modo geral, uma prostituta é reconhecida pelas regiões da cidade em que exerce sua atividade, pelas roupas que veste, a maquiagem que utiliza e uma linguagem característica. A socialização das prostitutas em repertórios particulares de técnicas de defesa, ou repertórios de segurança é, entretanto, tão decisiva para o exercício da atividade e para a imagem que elas constroem a respeito de si próprias e dos outros quanto qualquer característica que usualmente tendemos a lhes atribuir.

Em uma comédia americana recente, um rapaz queria se passar por “gay” e pediu a um gay que lhe ensinasse como fazê-lo. Esse último percebeu que o primeiro não sabia cantar “I will survive” e lhe disse: “você pensa que pode convencer alguém de que você é gay sem saber cantar “I will survive”? Evidentemente pode haver gays que não saibam cantar “I will survive”, mas não pode haver prostituição sem repertórios específicos de segurança.

No Brasil esse tema jamais recebeu qualquer atenção e, fora do país, a literatura sobre o assunto é bastante escassa. Pretendo explorar esse tema descrevendo o modo como repertórios específicos de segurança são desenvolvidos em diferentes segmentos da prostituição em Belo Horizonte.

A prostituição aparece em diversas obras como prática de alto risco, colocando diretamente e a todo instante em risco a vida e a integridade física daqueles que a exercem. Maria Dulce Gaspar (1985), por exemplo, ao estudar a prostituição de mulheres em Copacabana, observou a forte presença da violência na atividade prostitucional. Para ela, a violência é inerente à atividade, uma vez que pode ser compreendida como parte da própria natureza do programa, elemento fundamental da atividade. Para Gaspar, “não é raro que, para o cliente, o preço combinado forneça a sensação de que ele tem direito a tudo, o que pode incluir dispor da mulher de todas as maneiras, obrigando-a ao uso excessivo de drogas ou inflingindo-lhe maus-tratos”. (1985, p.36)

Com efeito, ao discutirem seu cotidiano, as prostitutas costumam sublinhar a *insegurança perene*, a perspectiva contínua da agressão pelo cliente ou outros homens, o *risco permanente da violência*, fatores tão presentes que acabaram totalmente integrados ao próprio exercício da atividade prostitucional (GASPAR, 1985, p.39). Essa situação é agravada se tivermos em mente o fato de que as prostitutas não tendem a formar grupos coesos. Muitos autores (por exemplo, FREITAS (1985), BARRETO (2008), ESPINHEIRA (1984), FABREGAS-MARTINEZ E BENEDETTI (2000), MORAES (1995), MATHIEU (2002), PRYEN (1999), entre outros) têm frisado que a prostituição se compõe de múltiplas subunidades, tendo umas com as outras relações na maior parte das vezes senão de hostilidade exacerbada, no mínimo de uma indiferença marcante. Esta dimensão multifacetada da prostituição aparece-nos com mais força quando consideramos a multiplicidade de princípios de classificação que envolve prostituídos em geral: identidade sexual (mulheres, homens, travestis...), lugar de exercício (rua, bordel, zona...), tipos de práticas com clientes, relação com drogas, relação com o próprio status de prostituído, etc.

Uma vez que temos consciência da grande heterogeneidade que marca o espaço da prostituição feminina atualmente, pretendo mostrar como cada “subgrupo” (prostitutas de rua, de boate, de “zona”, por exemplo) dentro deste grande universo articula seus conhecimentos e competências contra as agressões considerando suas características próprias.

Posto de outra forma, o que quero dizer é que os repertórios de segurança desenvolvidos em cada subgrupo têm muito a dizer sobre a natureza deles: se há mais “solidariedade” nesse grupo ou se são mais “individualistas”, por exemplo. Creio que a análise de como operam esses conhecimentos e competências e como eles são transmitidos pode nos ajudar a compreender as múltiplas maneiras de “ser prostituta” nos dias de hoje. Podem também nos ajudar a entender o alcance e a presença da violência nestes espaços, e como seus agentes se relacionam entre si e com seus potenciais agressores ou protetores: gerentes, cafetões, clientes e policiais e, finalmente, como esses conhecimentos são transmitidos, de acordo com as características de cada espaço dentro do universo da prostituição.

Meu objetivo nesse trabalho é fazer uma etnografia dos diversos conhecimentos relacionados à segurança entre prostitutas de diversos segmentos em Belo Horizonte e

discutir a relação desses conhecimentos de segurança com a maneira como cada espaço de prostituição é afetado por formas diferentes de violência. Conforme diremos na metodologia, o lugar escolhido foi a cidade de Belo Horizonte.

Repertórios de Segurança e Características de Subgrupos de Prostitutas

Se, conforme havíamos dito, a violência é tão integrada à prática cotidiana, naturalmente as prostitutas dispõem de um conjunto de competências e conhecimentos precisamente destinados a se contrapor às eventualidades de uma agressão, constituindo técnicas de proteção e defesa específicas que frequentemente são passadas a partir das mais “experientes” às mais “ingênuas” (MATHIEU, 2002, p.55). Desta maneira, a prática da prostituição requer a aprendizagem e o domínio de um *know-how* de segurança, a partir do qual podemos observar um mecanismo de construção da hierarquia interna e de socialização no espaço da prostituição.

O pouco domínio destas competências marca negativamente, ainda segundo Mathieu, aquelas que demonstram sua inexperiência, sua fraqueza ou ingenuidade, fatores que poderiam expô-las às agressões cotidianas. Por outro lado, a experiência e o conhecimento dos inúmeros mecanismos e práticas de segurança podem ser considerados como variável importante para a formação do *status* dentro deste grupo:

“Alguns incidentes representam o pano de fundo do trabalho dessas mulheres. Eles são descritos pelas mulheres não em tom de choque, mas numa perspectiva de aceitação – se você trabalha nisso, cedo ou tarde algo parecido acontecerá. Você pode fazer várias coisas para reduzir a possibilidade e a gravidade destes incidentes, mas você poderá agir até um determinado ponto. A inexorabilidade dessa violência é clara.” (MCKEGANEY e BARNARD, 1996, p.72)

Em uma obra consagrada a prostituição de rua, Stephanie Pryen (1999) dedica um capítulo à socialização profissional, processo que, segundo esta autora, está completamente ligado à aprendizagem e transmissão de repertórios de segurança. Para Pryen, é a aprendizagem desses repertórios que introduz a mulher no meio prostitucional e lhe dá identidade e reconhecimento diante de seus pares. Assim, a internalização desses repertórios é parte fundamental da construção da identidade de prostituta.

Esses saberes, apesar de (em geral) pouco formalizados e explícitos são, para a autora, a faceta mais visível da prostituição, além de serem a base para o estabelecimento profissional e identitário dessas mulheres dentro da atividade. São também consideradas pela autora como a principal fonte de hierarquização dentro deste universo, na medida em que estabelecem regras claras da “melhor e da pior maneira de se prostituir” (PRYEN, 1999, p.106).

Entretanto, Pryen destaca a dificuldade para identificar este conhecimento, uma vez que, em sua opinião, trata-se de um saber pouco explícito e legítimo, aos olhos da normalidade social. Há certo registro institucionalizado desse saber, mas esse registro não ocorre da mesma maneira como em outras profissões. Assim, em geral, os conhecimentos de segurança são aprendidos sub-repticiamente e durante o exercício da atividade, em situações pouco explícitas e formalizadas.

Nesse sentido, em comparação com outras atividades profissionais, a aprendizagem pelos pares da prostituição é existente, mas limitada, em alguns contextos. Falta à atividade prostitucional uma introdução completamente formalizada e institucionalizada às neófitas, que poderia ser exemplificada pelos diversos cursos técnicos ou treinamentos procurados por aqueles que querem iniciar-se numa nova atividade profissional. Há uma grande carga de conhecimento tácito que – embora também se faça presente em outras profissões – possui papel fundamental no conhecimento das prostitutas.

Entretanto, há que se chamar a atenção, ainda mais uma vez, para a forte heterogeneidade da prostituição. Ora, um meio tão diferenciado internamente também deverá permitir modos de aprendizado e transmissão bem diferentes. De acordo com o local de exercício da prostituição (rua, bordel, etc.) a socialização – e, portanto a internalização do conhecimento profissional e de segurança – varia radicalmente. Neste sentido, vale a pena uma citação um pouco mais longa de Pryen:

“Aliás, quando os tipos de organização da prostituição são diferentes, os requisitos da situação de trabalho não são os mesmos. Trabalhar na vitrine ou trabalhar na rua não é a mesma coisa. A formalização e a transmissão de saberes não se revestem das mesmas formas, uma vez que o meio no qual evoluem as pessoas [trabalhando em bordéis] é fechado e as colegas estão mais presentes, diferentemente da rua. Em seguida, porque

algumas mulheres podem dispor do status de assalariado e ter um patrão e, então, dispor de um recurso jurídico no qual ganha sentido sua atividade mais ou menos reconhecida socialmente, no seio de uma estrutura mais ou menos hierarquizada.

Vemos a questão da aprendizagem; mas igualmente o papel da proximidade no trabalho das colegas e da organização mesma deste trabalho se colocam de maneira radicalmente diferente.” (PRYEN, 1999, p.108)

Uma vez que esta autora e também nós consideramos que a aprendizagem destes conhecimentos (sobretudo de segurança) é parte fundamental do processo de *socialização* das prostitutas na atividade vamos, ainda tomando emprestadas as ideias de Stephanie Pryen, detalhar quais são os agentes desta socialização e seus principais aspectos.

Em primeiro lugar, devemos considerar os dois principais grupos através dos quais as prostitutas socializam-se e entram em contato com a violência neste espaço: outras prostitutas e clientes. Mesmo havendo outros sujeitos importantes dentro deste universo (proxenetas, policiais, *dealers*, etc.), Pryen considera estes dois grupos como essenciais para este processo de aprendizagem/socialização.

Com seus pares, as mulheres podem aprender antes e durante o exercício da profissão. São elas que podem explicitar as regras, hierarquias, códigos e outros elementos essenciais – embora de difícil estandardização e ordenamento – para a socialização deste novo sujeito. Os clientes também contribuem grandemente na tarefa de socialização das neófitas, na medida em que – conscientemente ou não – as submetem a situações que colocam à prova seus novos conhecimentos. Para Pryen, este aprendizado acontece, na maior parte das vezes, de modo negativo, através de experiências nas quais o cliente coloca a prostituta em situação de risco ou violência, obrigando-a a lançar mão de seus novos conhecimentos, adaptando-os à sua realidade e à sua personalidade.

Nesse processo, Pryen destaca dois aspectos que serão fundamentais para a formação do repertório de segurança das prostitutas: a construção da noção de respeito e a teatralização. Será sobre esses dois eixos que funcionará a construção de novos repertórios.

Para a autora, todo o processo de socialização calcado na aprendizagem de códigos, técnicas, saberes e linguagens centraliza-se na internalização e no manejo da noção de *respeito*: “É a noção de respeito que permite perceber a distância a ser estabelecida. Ela pode ser o critério essencial do ‘bom trabalho’, organizando o ‘estereótipo profissional’. Ela [a noção de respeito] constitui uma regra no molde de um contrato passado entre os parceiros.” (PRYEN, 1999, p.135)

Uma das características principais da ideia de respeito é a capacidade de separação e organização, pela prostituta, da sua vida privada e de sua vida “pública/profissional”. Para Pryen, este é o principal saber a ser aprendido no processo de socialização. A prostituta que não consegue administrar e separar suas duas “vidas” perde credibilidade e é excluída ou, no mínimo, discriminada entre seus pares: “Logo que o verdadeiro nome é dito, acontece uma abertura sobre este universo privado e um convite a penetrá-lo sem riscos. Aquelas que ‘misturam tudo’ são criticadas e denunciadas”. (PRYEN, 1999, p.136)

Para que a separação das duas esferas de sua vida seja possível, as prostitutas organizam um sistema de teatralização, segundo Pryen. Esta teatralização na atividade realiza-se através de medidas para manter a “distância” adequada em relação ao cliente, considerando que essas medidas são aspectos do seu repertório de segurança e do conjunto de símbolos, saberes e técnicas essenciais para o exercício da atividade.

A distância a ser tomada em relação ao cliente realiza-se na medida em que pessoas diferentes (clientes e amigos, por exemplo) possuem acesso a “quantidades” diferentes de corpo e sentimentos da mulher. Desta forma as mulheres administram o quanto podem se “expor” dependendo de seu interlocutor. No caso dos clientes, como quase nunca possuem uma postura “ideal” (de respeito e distância recíproca) são necessárias ações práticas para estabelecer a distância entre cliente/prostituta e, dessa forma, reduzir os riscos.

Como ações práticas deste estabelecimento de distância entre cliente e prostituta, primeiro ponto prático dentro de um repertório de segurança, Pryen cita uma postura diplomática e corajosa. Desta maneira, as mulheres agem de forma a evitar o conflito em situações onde as coisas não acontecem do jeito ideal, mas não excluem definitivamente clientes problemáticos:

“Na calçada Françoise manda embora um cliente bêbado que nos aborda de maneira insistente e agressiva, adotando um comportamento maternal, segurando o homem sob efeito do álcool e, não recusando-o de maneira definitiva, mas mandando-o para um programa futuro: ‘Será melhor uma outra noite!’” (PRYEN, 1999, p.144)

Para caracterizar o repertório de segurança compartilhado por prostitutas, tomo emprestadas algumas ideias do estudo de Mathieu (2002), “*Quand la Peur Devient une Existence*”, realizado na França, entre prostitutas de diversos “subgrupos” (como boates e rua), o qual já citamos algumas vezes, e também do livro de McKeganey e Barnard, “*Sex Work on the Streets*” (1996), resultado de estudo feito na segunda metade da década de 1990 em Glasgow, Escócia. Ambos discutem competências e conhecimentos dedicados a reduzir riscos de agressão ou a reagir diante de situações violentas. Até onde sei, esses dois trabalhos, mais o o artigo de Melissa Farley (2005) e livro de Stephanie Pryen, “*Stigmaté et Métier*” (1999) constituem as obras mais importantes sobre o assunto, até agora.

Todos esses autores consideram essas estratégias de segurança como construtos coletivos, que nascem da experiência dessas mulheres. E é durante seu trabalho que elas desenvolvem e disseminam as muitas ideias a respeito da segurança do grupo. Dessa forma, esses autores também consideram que, de certa maneira, o repertório de redução de riscos de cada mulher é também um repertório de proteção coletivo, uma vez que, além de suas vidas e carreiras individuais, a segurança do grupo também está em jogo, a cada vez que algum episódio violento ocorre.

Mathieu (2002) faz uma exposição mais sistemática dos principais elementos de competência específica que permitem às mulheres deste espaço ou se esquivarem de situações perigosas, ou enfrentarem a violência a partir do momento que ela se torna inexorável. Para esta autora, participam do primeiro conjunto aquelas que ela qualifica como *estratégias de seleção*, destinadas a evitar situações arriscadas. No segundo grupo, temos uma série de *estratégias de dissuasão, evasão e proteção*, ativadas para se proteger ou fugir, quando o primeiro grupo de técnicas falha. Considero útil esta tipologia de Mathieu e a tomarei emprestada para o detalhamento dos repertórios a serem estudados em nosso contexto.

O trabalho de seleção concerne os clientes, maioria entre potenciais agressores. Este trabalho opera por meio de critérios informais permitindo, na interação pessoal, *enquadrar* (MATHIEU, 2002, p.56) o cliente em tipologias como, por exemplo, “potencialmente perigoso” ou “seguro”. Ou através de *tipificações pré-formadas*, que são critérios que operam a partir de sedimentações de experiências anteriores vividas por essas mulheres (MATHIEU, 2002, p.56), que são mobilizados a fim de classificar clientes como aceitáveis ou como “rejeitáveis”.

Stephanie Pryen detalha uma série desses “enquadramentos” ou tipologias que “eliminam” clientes durante este contato. Para a autora, são ações ou características que fazem o cliente “ultrapassar os limites”, reduzindo a distância estabelecida e tornando-o um potencial agressor ou criador de problemas:

“Trinta mulheres elaboraram uma tabela de critérios de recusa de clientes: 1. Se ele está bêbado; 2. Se ele não quer usar o preservativo, qualquer que seja a prática; 3. Se ele é violento; 4. Se ele lembra alguém com o qual aconteceram problemas no passado; 5. Se ele não quer pagar adiantado; 6. Se ele é suspeito, *intuitivamente*¹, de ser violento; 7. Se ele insiste em propor práticas recusadas; 8. Se ele é suspeito de doença a partir de um exame físico” (PRYEN, 1999, p.145)

Diversas técnicas e critérios de avaliação são mobilizados para “testar” com antecedência os clientes em situações de testes informais permitindo-as formular julgamentos sobre sua suposta “periculosidade”. Fazer com que ele fale, observar suas atitudes, permitem estimar o risco envolvido e, se necessário, recusar o programa. Neste ponto, McKeganey e Barnard (1996) destacam que, apesar das hostilidades e concorrências exacerbadas presentes no exercício da prostituição, existem formas de *solidariedade* através de redes de informação sobre clientes entre prostitutas num determinado contexto: “Embora as mulheres geralmente trabalhem sozinhas [na rua], não é incomum ver duas ou mais mulheres ‘dando uma olhadinha’ umas nas outras. Isto pode ter a forma de anotações da placa do carro no qual a companheira entrou, ou uma mulher que vigia a rua onde o programa está sendo feito.” (MCKEGANEY e BARNARD, 1996, p.77)

¹ Grifo no original.

E Mathieu ainda destaca, sobre esse ponto, que, em determinadas situações, as mulheres podem deixar de lado suas hostilidades e indiferenças para exercerem formas de ajuda mútua, sobretudo em situações de tensão mais explícita:

“Podemos constatar sobre este ponto que, em detrimento dos antagonismos ferozes e da concorrência exacerbada que reinam habitualmente nas calçadas, formas mínimas de solidariedade se exprimem entre prostitutas desde o momento em que a segurança e a vida de alguém estão em jogo.” (MATHIEU, 2002, p. 57)

Uma vez que estas estratégias anteriores ao contato com o cliente falham, e a violência parece iminente, a prostituta pode lançar mão de outros dispositivos – que Mathieu chama de *estratégias de dissuasão* – para reverter uma situação perigosa: afirmar, por exemplo, que se está acompanhada por alguém que possa representar um risco a atuação do agressor, como as colegas de trabalho ou namorados citados por McKeganey e Barnard; ou ainda procurar impressionar o potencial agressor através de uma atitude corajosa e determinada visando desencorajá-lo (PRYEN, 1999, p.144; MATHIEU, 2002, p.58)

De toda forma, nem todas as agressões podem ser previstas ou evitadas por todo esse conjunto de estratégias. Neste momento ainda é possível utilizar-se (ainda aproveitando a classificação de Mathieu) de *estratégias de evasão e proteção* destinadas a se defender ou evadir-se. A solução da fuga é, nestes contextos, mais plausível, e as prostitutas dedicam especial atenção a essas possibilidades. Um bom exemplo são aquelas que, fazendo programas dentro de automóveis, procuram verificar se a porta pode ser aberta internamente, e depois deixam-na entreaberta, no caso de uma fuga rápida tornar-se necessária. Pelas mesmas razões, estes autores (PRYEN, 1999; MCKEGANEY e BARNARD, 1996) observaram que em alguns contextos, as prostitutas recusam-se terminantemente a retirar todas as roupas no curso de um programa.

Ficar o mais vestida possível reduz possibilidades de roubo e garante uma fuga sem grandes problemas. Também a necessidade de poder contrapor-se rapidamente a uma agressão faz com que prostitutas recusem certas posições sexuais tidas como “inseguras” em determinados contextos. Da mesma maneira, confrontadas permanentemente ao risco de agressões, as mulheres exercendo prostituição geralmente estão “armadas”. Aqui, obviamente, é necessário alargar a noção de “arma”: salto alto,

tesourinhas, pequenos canivetes e, como citado por McKeganey e Barnard (1996, p.80), também sprays de pimenta e bombas lacrimogêneas.

Em face do que foi dito, nesse trabalho eu procuro mostrar como repertórios de segurança específicos são construídos e transmitidos. Conforme ficará claro, os repertórios de segurança são completamente distintos em cada espaço que observamos. Veremos as características da construção e da transmissão desses repertórios entre prostitutas que trabalham em hotéis na região da rua dos Guaicurus, entre prostitutas que trabalham em boates e entre prostitutas que atuam nas ruas da capital.

Antes de nossa etnografia, impõe-se um capítulo sobre as condições de nossa pesquisa e sua metodologia.

Metodologia

Características da pesquisa Dificuldades de abordagem

A pesquisa foi realizada em Belo Horizonte, entre diversos espaços de prostituição diferentes, entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012.

Nosso primeiro passo foi a conclusão do projeto de pesquisa, após a entrada no curso e o início do trabalho de campo. Esse projeto foi marcado por dificuldades que levaram a alterações tanto nos objetivos dele quanto na metodologia usada. Assim, inicialmente, tendo como foco os diferentes grupos de prostitutas em Belo Horizonte, procurei realizar pesquisas exploratórias com o objetivo de delimitar melhor meu objeto de pesquisa e testar a pertinência de minhas perguntas. Desta forma, realizei um “pré-campo”, entre os meses de junho e julho de 2011.

Esse “pré-campo” consistiu em dez entrevistas (número este resultado das circunstâncias) com alguns agentes deste universo: um gerente de “hotel”, cinco prostitutas e uma ex-prostituta, todos da região da rua Guaicurus e três prostitutas trabalhando na região da avenida Afonso Pena. Além disso, fiz incursões e observações em diversas áreas envolvidas no estudo, como “zonas” na região da Guaicurus, “boates”

da região do Barro Preto e Savassi e regiões de prostituição de rua, como Afonso Pena e Praça da Rodoviária.

Esta exploração inicial foi, apesar de sua precariedade metodológica, uma experiência riquíssima, onde pude ter percepção das dificuldades do campo, observar a pertinência de algumas perguntas de pesquisa, estabelecer contatos, travar relações com *informantes-chave* e amadurecer o projeto. Esta etapa foi essencial para a redefinição dos rumos do projeto e a adoção e abandono de alguns temas e perguntas da pesquisa.

Durante todo o processo realizei anotações em diário de campo. Algumas técnicas facilitam a construção desse diário, tais como realizar as anotações diariamente, e separá-las por tipo de atividade. De forma geral, foi melhor realizar as anotações após as observações, devido às condições do meio onde estive. O diário foi digitado e organizado por atividade e data, para facilitar o acesso. Hoje podemos utilizar modernos *softwares* para a construção de nosso diário, tais como o *NVivo*, que reduzem consideravelmente o tempo gasto na análise dos nossos registros.

A segunda etapa em nossa pesquisa foi a realização de entrevistas em campo. Essas entrevistas são conversas guiadas que buscam informações específicas. Deste modo, permitem que nós obtenhamos muitos dados em um tempo curto. Estas entrevistas consistiram em simples conversas breves, como já foi feito no *pré-campo*, ou, por outro lado, foram longas entrevistas em profundidade, utilizando roteiro e propiciando um maior grau de detalhamento das nossas informações.

O primeiro ponto para a preparação de uma entrevista é o levantamento das informações prévias básicas, pois quanto mais se sabe, mais se pode obter informações precisas, diversificadas e importantes para o seu projeto, pois ficamos cada vez mais preparados para formular e fazer as perguntas, uma vez que conhecemos minimamente a prática e a terminologia do local. São essas informações prévias que permitirão improvisar continuamente outras perguntas pertinentes, para provocar o entrevistado a se revelar mais completamente.

A entrevista semiestruturada possui um roteiro com tópicos e questões a serem abordadas. A existência desse roteiro permite que o mesmo tema seja abordado com diversos entrevistados. Entretanto, este roteiro pode ser flexibilizado de acordo com a direção tomada pela entrevista. A ausência de um roteiro fixo permite que o

entrevistador se deixe surpreender, acompanhando o entrevistado no percurso de sua narrativa. Este roteiro flexível foi desenvolvido com a participação de algumas *informantes-chave* que, através de suas experiências, contribuíram para a construção de um roteiro plausível e eficaz.

As entrevistadas foram escolhidas de acordo com sua disponibilidade e inserção em cada um dos “subgrupos” dentro do universo prostitucional de Belo Horizonte. De acordo com cada universo e com cada situação particular, o roteiro e a estrutura da entrevista mudaram, porém seguindo nossos objetivos metodológicos, sobretudo na busca pela redução dos constantes *bias* que certamente aparecem em perguntas e respostas. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas o que facilita grandemente o manuseio e a conservação deste material.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, é natural que alguns entrevistados colaborem com mais afinco e apresentem uma maior disponibilidade. A estes chamamos *informantes-chave*, uma vez que é com essas pessoas que conseguimos um maior e mais confiável volume de informações. Essas pessoas também podem ser bem posicionadas dentro do grupo e podem ter uma visão mais clara da dinâmica destes. No *pré-campo* que realizei entre junho e julho de 2011, tive a oportunidade de fazer contato com pessoas que foram essenciais para o desenvolvimento ulterior da pesquisa, pela sua disponibilidade e sua posição diferenciada dentro desses grupos. Essas pessoas são Cida² (que trabalha na Afonso Pena e coordena a APROSMIG), Arlete (que trabalha num hotel da região da Guaicurus), Roberto (gerente de hotel na região da Guaicurus e membro da Associação dos Amigos da Rua Guaicurus) e Cleusy (que já trabalhou nas ruas e na região da Guaicurus e hoje trabalha somente na APROSMIG).

Dificuldades de Abordagem

A opção de trabalhar com prostitutas em seus diferentes locais de trabalho apresenta uma série de problemas que busquei resolver de modo a não prejudicar o estudo. Cada um desses espaços exige do pesquisador diferentes formas de aproximação e de interação com os observados/entrevistados.

² Exceto Cida, cuja imagem já é bastante conhecida fora do meio prostitucional pela sua atuação na APROSMIG (Associação das Prostitutas de Minas Gerais), e pelas suas constantes aparições na mídia, e que, além disso, autorizou o uso de seu nome; todos os nomes são fictícios.

Em geral, o acesso às prostitutas não foi fácil. A abordagem era prejudicada, sobretudo, pela discrição exigida por seu trabalho. Mesmo não cometendo crime algum, a maioria das mulheres tem medo de conversar com estranhos e com quem pergunta demais. Algumas chegam até a perguntar se eu era um policial ou um jornalista, dois tipos presentes em seu cotidiano.

Apesar de conhecer as mulheres da APROSMIG e de ali estar presente durante muito tempo, realizando trabalhos voluntários, optei por não apresentar-me as mulheres como alguém diretamente ligado à associação. Assim, evitando uma abordagem institucional, procurei realizar um contato mais livre e menos limitado por ideias ou assuntos ligados a esse grupo.

De certa forma, os espaços estudados tiveram que ser abordados de maneira diferente, e essas abordagens apresentaram dificuldades características.

No caso das prostitutas trabalhando em bordel, o acesso foi facilitado por se tratar de um local fixo de trabalho: basta se dirigir ao local e encontrá-las. Essa facilidade, porém, choca-se com um problema: o preço para se ter acesso a estes locais. Esses valores podem variar muito, desde R\$10 nas boates mais “decadentes” do centro e Barro Preto até R\$100 nas boates mais caras da zona sul. Entretanto, gostaria de registrar aqui a colaboração da maioria dos gerentes e proprietários dessas casas noturnas que, na maior parte dos casos, me deram livre acesso a esses locais e facilitaram meu contato com as mulheres que aí trabalhavam. Ali, a maioria das mulheres foi entrevistada na própria boate, antes ou depois do horário de funcionamento das mesmas (entre 22h e 5h, aproximadamente).

Para as prostitutas que trabalham em “zona” (região da Guaicurus) meu acesso foi fácil, sobretudo por se tratar de um local de grande afluência de pessoas e onde a entrada é gratuita. Entretanto, o trabalho acabou prejudicado pela desconfiança dos donos dos “hotéis”, que raramente permitiram que as entrevistas fossem feitas lá, e pela falta de tempo das mulheres para serem entrevistadas, por ser um local de trabalho onde a rotatividade de cliente é altíssima, podendo chegar até cerca de vinte clientes por dia e por mulher em alguns períodos do mês.

Por outro lado, por ser uma região muito antiga e conhecida de prostituição na cidade, é fácil achar repórteres e pesquisadores de todo tipo na zona boêmia. Talvez isso

explique a maior abertura para entrevistas com essas mulheres. Muitas, inclusive, afirmaram que já haviam sido, durante sua carreira, entrevistadas diversas vezes por vários profissionais diferentes, como jornalistas, médicos, antropólogos, etc. Talvez por isso na região da rua dos Guaicurus as mulheres foram, em geral, menos desconfiadas e mais dispostas a falar do que em outros espaços.

O contato com aquelas que trabalham nas ruas, como é o caso da avenida Afonso Pena e da praça Rio Branco, ambas no centro da cidade, foi dificultado pelo constante movimento das mulheres na calçada, pela desconfiança delas e pela extrema tensão na qual trabalham essas mulheres (sobretudo devida à violência e às rivalidades exacerbadas entre elas) e pelas abordagens constantes de clientes que acabam por minar o diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Em geral essas mulheres procuraram falar menos e de maneira mais reservada durante as entrevistas. Os contatos na rua entre pesquisador e prostituta foram precários, devido aos fatores que já citamos. Na maioria das vezes a recusa à participação na pesquisa era categórica. Entretanto, as ruas foram o espaço onde fui menos confundido com um cliente (pelo fato de abordar as mulheres a pé), o que facilitava os contatos iniciais.

Por fim, o contato mais complicado revelou-se ser com aquelas que trabalham nos chamados “privês” ou que são prostitutas de luxo. Quase todas se recusaram a colaborar e a coleta de dados nesse meio foi precária. Sobre a recusa à colaboração com a pesquisa por parte dessas mulheres, pude observar algumas coisas:

Primeiramente, elas não se reconhecem como prostitutas. Há um discurso frequente no qual essas mulheres negam sua condição. Isso parece ter relação com sua origem social (a maioria entre essas mulheres vêm da classe média) e com o papel duplo que ocupam na sociedade, ao frequentarem meios sociais menos (ou nada) identificados com a prostituição. Elas possuem uma série de expressões e eufemismos para negar sua atividade e se referem a si mesmas como “acompanhantes de luxo”, “*escort-girls*”, “modelos”, etc. Atribuem muita sofisticação ao que fazem e chamam o preço do programa de “cachê”.

Há uma grande desconfiança e dificuldade em revelar dados que poderiam ser comprometedores para sua segurança, uma vez que elas trabalham geralmente sozinhas

e tem uma “reputação” a zelar, já que quase todas com as quais falei são estudantes universitárias, bem inscritas em outros grupos sociais que não são propriamente ligados à prostituição.

Dessa forma, decidi abandonar esse grupo no decorrer da pesquisa, não por considerá-lo menos importante, mas pelas dificuldades metodológicas e práticas que essas mulheres me impuseram. Isso num contexto de tempo e recursos limitados.

O trabalho de campo foi feito no segundo semestre de 2011 e no primeiro semestre de 2012, uma vez que, a partir desse momento encontramos vários pontos de saturação nas respostas dadas. As circunstâncias do campo nos indicaram a velocidade da realização e a quantidade de entrevistas a serem feitas, ficando o número de entrevistas em aproximadamente dez por subgrupo (portanto trinta: dez para a rua dos Guaicurus, dez para as boates e dez para as ruas), sem contar outros contatos menos organizados, tais como conversas, encontros e diálogos não registrados em áudio.

Devido tanto ao curto prazo da pesquisa de campo, assim como a utilização da metodologia da observação participante, na qual a análise ocorre simultaneamente com a coleta dos dados, procurei realizar a análise de dados paralelamente às incursões ao campo, com o objetivo de definir de maneira mais estrita minhas perguntas de pesquisa e de elaborar um modelo dos espaços estudados e de suas relações entre si, de modo a chegar a um mínimo de potencial de generalização.

A etapa final da pesquisa é a construção de modelos de sistemas sociais. Nesse estágio nós incorporamos as nossas descobertas individuais a um modelo mais ou menos generalizado. Dessa forma, o pesquisador concebe um modelo descritivo que explique os dados que colheu. Depois que o observador acumula vários modelos parciais, ele busca a conexão entre eles e, desse modo, começa a construir um modelo mais global, que é o que faremos na conclusão desse trabalho.

A Prostituição na Região da Rua dos Guaicurus

Caracterização do espaço prostitucional da Rua dos Guaicurus

Principais casos de violência e repertórios para evitá-los

Transmissão de repertórios e socialização profissional

Conclusões

Entre os diversos espaços de prostituição em Belo Horizonte, a região da Rua dos Guaicurus talvez seja o mais conhecido. Sua fama ultrapassa as fronteiras de Belo Horizonte e a fama do local faz-se presente não só na capital, mas também no imaginário do interior. É um tradicional local de prostituição na capital há, pelo menos, cinquenta anos e reúne todo tipo de gente. De certa maneira, a região da Rua dos Guaicurus forma o que Park (1980) chamaria de “região moral”.

Para esse autor, “região moral” é o espaço nas cidades onde imperam uma série de símbolos, códigos e práticas mais ou menos marginais. É necessário ser iniciado nessas regras dessa região para ser aí aceito e poder transitar sem problema. Park também chama essa região de “esgoto libidinal”, algo que todas as metrópoles possuem, o território onde todo o ímpeto libidinoso e marginal da sociedade desemboca. Esses “esgotos” são, em geral, hiperterritorializados, e sua marcação simbólica não é muito sutil, como podemos ver nos *ghettos* gays e nas zonas boêmias.

Esse termo, em Belo Horizonte, remete à época de fundação da cidade e de seus primeiros tempos, uma vez que nesse local estava concentrada a vida noturna da cidade. A prostituição nessa região passou por fases distintas, desde os ricos cabarés do início do século XX até os hotéis de prostituição da atualidade. A região da Guaicurus surgiu a partir da tentativa de limitar o espaço da prostituição na nova capital. Apesar das mudanças e do deslocamento da prostituição para outras áreas da cidade, uma parte da região central de Belo Horizonte continua sendo conhecida como zona boêmia. Clientes e mulheres a chamam simplesmente de “zona”.

Essa “zona boêmia”, que aqui é quase um sinônimo de prostituição, concentra-se, sobretudo, na região da Rua dos Guaicurus. Com o tempo ela foi se expandindo, mas sempre na região da estação rodoviária. Ali, a prostituição se concentra em sete hotéis, que se localizam entre as ruas São Paulo e Curitiba, mais oito hotéis localizados na Rua

São Paulo, entre as avenidas Oiapoque e Santos Dumont³. Esses hotéis não se parecem, externamente, com locais de prostituição.

Poucos hotéis possuem um letreiro com nome na entrada. Alguns são identificados apenas como “hotel” e outros não têm qualquer identificação. Podem ser reconhecidos pelas entradas estreitas, pela presença de um porteiro e pelo constante sobe e desce de homens (daí seu apelido: “sobe-desce”). Os hotéis funcionam nos andares superiores de prédios dos anos 50/60 que, em geral, possuem três pavimentos. No térreo funcionam diversos comércios, tais como atacadistas, cinemas, lanchonetes, bares e estacionamentos. O acesso aos hotéis é feito por escadas compridas e estreitas, o que dificulta o movimento em momentos de grande fluxo. Ao longo dessas escadas vemos colados toda sorte de cartazes e avisos aos clientes sobre furtos dentro dos hotéis, sobre a obrigatoriedade do uso de preservativos e com proibições ao comércio ambulante, além de cartazes do ministério da saúde e da AARG⁴ (Associação dos Amigos da Rua dos Guaicurus) e da APROSMIG⁵ (Associação das Prostitutas de Minas Gerais).

Internamente os hotéis têm praticamente o mesmo aspecto, diferindo unicamente no estado de conservação de suas instalações. Possuem corredores estreitos, mal iluminados e mal ventilados, onde impera um forte cheiro de produtos de limpeza e de desodorizantes de ar, com muitos quartos enfileirados. Nas portas desses quartos é comum observarmos a presença de toalhinhas bordadas com o nome de guerra da mulher que ali trabalha. Os quartos são pequenos, equipados geralmente com uma cama e um lavabo. Em alguns hotéis os quartos possuem banheiro com chuveiro, em outros, somente lavabo e o banheiro é compartilhado no corredor. Para diminuir o calor (quase não há janelas nos corredores e quartos) foram instalados ventiladores nas paredes.

³ Ver anexo II: “Mapa da Região da Rua dos Guaicurus”.

⁴ A Associação dos Amigos da Rua Guaicurus é uma entidade “patronal”, organizada pelos donos dos hotéis para defenderem seus interesses. Possui influência na câmara de vereadores e na polícia civil. Colabora frequentemente com a APROSMIG em suas campanhas (inclusive emprestam a sala onde funciona a secretaria da Associação das Prostitutas). Nas eleições de 2012, lançou um candidato a vereador, que não obteve êxito.

⁵ A Associação das Prostitutas de Minas Gerais existe há muito tempo, mas há uns dois anos se organizou melhor e agora possui diretoria, sede física e objetivos específicos. Segue as diretrizes da Rede Nacional de Prostitutas, cujo objetivo principal é a regularização da profissão (projeto de lei do deputado Fernando Gabeira). Atualmente, sob a liderança de Cida Vieira, vem buscando uma melhor aproximação com a sociedade e uma visibilidade cada vez maior na mídia. Embora busque representar todas as prostitutas da cidade ou do estado (isso não está claro), praticamente todos os seus quadros vêm da região da Guaicurus.

Nesses quartos há sempre uma personalização da decoração feita por sua ocupante: podem ser recortes de revistas, quadros ou cartazes de cantores ou atores. As mulheres também equipam seus quartos com aparelhos de som e diversos acessórios eróticos.

Nos hotéis onde o valor do programa é mais alto as instalações estão mais conservadas e há alguns “luxos” como ar condicionado, bares e televisões nos corredores. Nos hotéis mais baratos (sobretudo localizados nas imediações da Avenida Santos Dumont) há um pouco de sujeira nas áreas comuns, os quartos são menores e mais abafados, as paredes estão mofadas e as instalações estão mais degradadas.

Uma das características mais marcantes desses hotéis são suas entradas vigiadas por porteiros. Ao entrar no hotel os clientes podem ser barrados na porta para identificação. O porteiro solicita documentos daqueles que julga jovens demais, e deixa entrar os que parecem maiores de idade. Há muitos casos de rapazes que deixam a barba crescer para ultrapassar sem problemas essa barreira. Além disso, como detalharemos mais adiante, os porteiros também barram indivíduos que consideram perigosos para a segurança do local, como bêbados, drogados ou que possuam a aparência estranha. Em alguns hotéis os seguranças parecem ser mais displicentes, e estão sempre lendo jornais ou conversando com alguém na rua.

Nos corredores as prostitutas sempre deixam as portas dos quartos entreabertas (quando as portas estão fechadas, está acontecendo um programa ou a mulher não está presente). Algumas ficam na porta observando ou conversando com os clientes, precariamente vestidas ou nuas. Outras ficam deitadas em suas camas, de costas para a porta, ou atrás dela, o que obriga os clientes a entrarem no quarto para negociar o programa. Muitas acreditam que, fazendo isso, podem facilitar a transação e analisar melhor os clientes. Em muitos quartos há música em volume alto e algumas mulheres dançam levemente enquanto combinam programas. Outras assistem televisão ou leem jornais e revistas. Também é comum vê-las conversando com as vizinhas de corredor, e muitas vão aos outros quartos para conversar em momentos de folga.

A postura, o vestuário e a maquiagem dessas mulheres varia muito entre os diferentes hotéis, mas algo que pode ser observado em todas as prostitutas nesses hotéis é um marcante ar *blasé*. Esta postura é muito evidente e parece ser um pouco artificial. Uma vez que negociam seus programas ou são observadas pelos clientes estão sempre com um semblante que, para não iniciados, pode indicar um profundo desprezo pelo

lugar e pelas pessoas dali, postura que não se reflete dentro do quarto e nem fora do horário de trabalho. Essa atitude parece funcionar como uma estratégia de dissuasão, forçando o respeito por parte dos clientes. Adiante detalharemos um pouco essa tática.

A negociação do programa envolve uma rápida conversa sobre as variações da prática, sobre o tempo e o valor. Se o acordo for aceito por ambos, o cliente entra e a porta é fechada. Senão, o cliente dirige-se a outra porta e a mulher continua com a porta aberta. O valor depende basicamente das práticas a serem realizadas e do tempo de duração do programa. Na região da Guaicurus há uma espécie de “programa padrão” que consiste em sexo oral e duas ou três posições sexuais, sempre com preservativo, e tempo limitado a quinze minutos. Embora os preços variem entre os hotéis, esse programa padrão é o mesmo. Outras práticas ou um tempo maior envolvem negociação, prévia ou durante o programa.

Conflitos relacionados às práticas e ao tempo do programa são comuns:

Igual o velho ontem... Eles estavam aqui nessa mesa, bêbados igual gambá. Ele bêbado, o outro pra lá de Bagdá também, eu já tava daquele jeito, invocada, [ele] chegou na minha porta e falou assim “quanto que é”, falei “é trinta”. Ele “é quanto tempo?”, eu falei “ah, programa de quinze”, não falo assim “é rápido” senão o cara vai embora. Não falei que quando cê fecha a porta é “bora, bora, bora” (risos). Ai ele pegou e falou assim “mas eu não quero só entrar, eu quero ficar meia hora”. Ai o outro falou “então entra, entra”, Ai eu falei “meia hora é cinquenta reais”. Ai ele pegou e falou assim: “não, eu vou entrar, vou ficar meia hora e vou pagar trinta”. Sabe aquele negócio que eu fico escorada [o batente da porta]? Bati naquilo “pa” e falei “aqui quem manda no quarto sou eu. Cê não vai ficar aqui não” Ele falou “vou ficar sim”, eu falei “vem, vem pra você ver, essa minha bota vai rodar na sua cara, vou dar um ninja em você agora”... Bêbados os dois... (Yasmin, 14/06/2011)

O valor do programa padrão é estipulado pelo hotel e varia de um estabelecimento para outro. Não região da Guaicurus, pode variar entre sete reais (nos hotéis mais baratos) até 35 reais (nos mais caros), o que não impede que esse preço suba de acordo com os combinados feitos com o cliente. Esse é um valor de referência, que deve ser respeitado como limite mínimo, mas as prostitutas são livres para negociar seu valor acima disso. Esse valor mínimo é rigorosamente vigiado pelos gerentes. Se a mulher cobrar abaixo desse preço o hotel pode expulsá-la, sob a alegação de que ela baixa o nível do lugar.

Atualmente, o sadomasoquismo, a inversão de papéis, o sexo anal e a realização de fantasias sexuais estão ficando mais usuais, embora o “programa de quinze” (programa mais simples, padrão) ainda seja hegemônico. Não obstante, ainda existem muitos conflitos a respeito do conteúdo do programa, sobretudo pelas lacunas deixadas por prostitutas e clientes durante a negociação e pela rejeição das mulheres por clientes que demandam programas mais “complexos”:

Sabe o que eu vou fazer? Vou pra minha casa, dar pra aqueles homens tudo casado que tem lá perto. Ai eu ganho dinheiro. [...] Aqui na porta... “Quanto que é? Quinze, dá bundinha?” Esse trem de dar bundinha não é comigo não...

- Eu falo “Só em você”. Tem uns que não entendem... Eu falo, “não, completo, só em você”. [...] Os caras sai voado de dentro do quarto. Tem uns que ficam, que falam “tudo bem”... Eles falam “é completinho?” ai eu falo “só em você”, ai eles entram, eles entendem. Só em você, né? Ai eles entram, “uhu!”. [significa que, nesse caso, a mulher exercerá papel ativo na relação sexual]

- Igual ontem tinha um preto, ele chegou lá assim, olhou pra minha cara assim: “cê faz anal? Cê dá a bundinha?” Falei “não. Nem pro meu marido, eu não faço...” Que nem aquele velho fez comigo. Mesma coisa de chegar e perguntar, “quer alguma coisa?” Pergunta uma vez só... Acabou. [...] Passa raiva de mais. (Denise, 1/2/2012)

Há muita liberdade para que as mulheres barganhem durante o programa, explorando as lacunas deixadas durante a negociação com o cliente. Dessa forma, pode não ficar claro o tempo e o conteúdo do programa que se referem ao preço combinado. Assim, já durante o programa, a prostituta propõe novas atividades ou lembra o cliente de que ele, de alguma forma, está excedendo os combinados (tempo e conteúdo), tendo assim que pagar a mais:

Porque às vezes, quando o cliente entra no quarto, é um preço, mas lá dentro cê vê que ele está afim de mais coisa, tal, ai você fala “vamos fazer assim”, etc... Dá aquele charme, né? Cê tem que ter, né? (risos) Ai acostuma, se ele tiver “ah, quanto vai custar isso”, se ele falar “ah não, está muito pra mim, não tenho condições agora, volto depois”, tudo bem... Se ele tivesse condições de pagar ele topava, ou então ele pechinchava um pouco também, mas a gente mesmo falava: “ ah, então vão”, mas sempre tem isso sim... A mulher às vezes quer abusar do cliente... Se o tempo tá passando rápido, por exemplo, cê fala “o bem, o

tempo tá passando, se você quiser ficar mais, você paga mais, senão a gente vai parar agora, tal”. Ai ficava a opção do cliente, se ele quisesse continuar, tudo bem... (Cleusy, 14/06/2011)

Há muitos homens que frequentam o local unicamente para observar as mulheres e matar o tempo. Esses aparecem geralmente nos horários de maior movimento, na hora do almoço e no fim da tarde. Por volta de meio-dia os hotéis se enchem de vários tipos de homens que parecem estar ali unicamente esperando para voltar ao seu trabalho. No fim da tarde há muitos outros que flanam nos hotéis enquanto esperam seus ônibus, que possuem pontos na região. Essa atitude de “não-cliente”, de *voyeur*, enerva as prostitutas, que consideram que esses homens atravancam o local e atrapalham seu trabalho.

Entrevistador: - Nem inicio de mês está salvando não? Porque aqui fica tão cheio...

Cláudia - Cheio de homem andando... Isso é o que “cê” mais vê. Anda isso tudo, sobe essas escadas todas pra ver quarto por quarto. Pergunta o preço e depois “tá” descendo as escadas, não entra em nenhuma... Eu racho os bico deles. E o pior... Teve um cara, bem bonitinho até. Andando no corredor, ele veio de ziguezague, de porta em porta. Pensei: “ele vai passar na minha também”. Ai “quanto que é”, eu falei “você sabe”. “Não, não sei não”, eu falei, “você sabe sim”. [...] Parece que “tá” fazendo pesquisa de preço. (1/9/2011)

A grande circulação de clientes permite que as prostitutas façam muitos programas por dia. Especialmente em determinados períodos (como o início do mês) e com prostitutas mais “bonitas” e “novas” (ou seja, novidade num hotel, recém-chegadas), é possível obter altos valores, oriundos não do preço do programa, mas de sua quantidade. Uma vez que têm que pagar a diária, as prostitutas precisam realizar certo número de programas para, a partir de um determinado valor (da diária a ser paga, em média entre R\$50 e R\$150), começarem a “lucrar”. Exceto a diária, elas não precisam pagar nenhuma porcentagem ou valor aos donos dos hotéis. Entretanto, uma prostituta afirmou que nos finais de mês era comum que muitas prostitutas não conseguissem pagar o valor da diária. Além disso, prostitutas cujos programas são mais baratos também tem dificuldades para saldar suas dívidas com os donos dos hotéis. Como explica Cleusy:

“Tem mulher que fala “ah, gente, diária é coisa, tal” [que não há problema em pagar o valor da diária], mas tem que ver que elas tão vindo agora, elas são novinhas... Mas todas as mulheres que hoje reclamam que a diária tá pesada, que a diária tá cara, também já foram novas, também já ganharam... pagavam a diária sem problema. Hoje elas tão nessa situação... Mas também daqui uns anos elas vão continuar na mesma situação, se elas não saírem... Elas vão continuar na mesma situação. Então hoje pra elas tá bom, a diária tá boa, tal, mas e amanhã? Eu já achei diária pesada sim... Tinha dia que você ficava apertado, tal, mas... Mas o caso é que tem lugares pra elas trabalharem de todo jeito então, quem vai trabalhar no hotel... Eles não chamam ninguém, não obrigam ninguém a ir... Você tá lá porque você acha melhor pra você. Então, se você for trabalhar na rua você não tem que pagar diária, não tem que pagar ninguém... O cliente que vai pagar o hotel, vai te pagar e pronto...” (Entrevista em 14/06/2011)

Nos hotéis não há qualquer vínculo trabalhista oficializado entre as prostitutas e os gerentes. A relação parece ser mais comercial, na qual a mulher aluga um quarto e o utiliza para atender seus clientes. No entanto, é fácil perceber que as características do hotel tem influência sobre o trabalho das prostitutas. Elas sempre afirmam que sua relação com o hotel refere-se somente ao pagamento da diária, mas existem recomendações passadas pelos proprietários e gerentes sobre sua conduta (tais como aparência, proibição do uso de drogas, etc.) que, caso não sejam cumpridas, podem resultar na expulsão da mulher do hotel, fazendo com que ela caia no opróbrio na região.

Quando as mulheres começam a trabalhar em um determinado hotel, os gerentes exigem documentos, além de comprovantes de residência e telefones de contato. Além disso, existe uma seleção para trabalhar nos hotéis, onde se observam a aparência e a conduta da profissional. Não basta simplesmente alugar um quarto, é necessário cumprir os requisitos exigidos pelo hotel e ter uma boa reputação na região:

Aqui a gente trabalha pra gente mesmo e o único compromisso que a gente tem é pagar a diária do hotel. Aqui eles não deixam ficar mulheres que usam drogas. Eles exigem documentos com foto que, caso aconteça alguma coisa, eles têm um livro de registro com as fotos e identidade delas. (Cláudia, 1/9/2011)

As mulheres que trabalham na região da Guaicurus formam um grupo mais ou menos heterogêneo. Há muitas mulheres que vieram de outros estados e há também uma grande diferença (entre hotéis) de idade e estética, ficando os estabelecimentos mais decadentes com as mulheres mais velhas, ou que fogem do padrão estético. No entanto, a justificativa que todas elas dão para trabalhar ali é sempre a mesma: segurança e conforto. Uma entrevistada afirmou considerar o hotel mais vantajoso que o trabalho em boates. Declarou sentir-se mais livre, não sendo obrigado a consumir bebidas alcóolicas e a fazer programas com clientes indesejáveis. Apesar de se sentirem um pouco tolhidas em sua liberdade pelos gerentes dos hotéis, elas gostam da sensação de segurança que esse ambiente lhes passa:

Sim, eu já trabalhei na rua... tal... Você vai pra restaurante, você fica a noite inteira, a boate você tem que consumir, fazer o cliente gastar, você também tem que beber, eu não bebo, num fumo... Bebia às vezes, fumava, né? Beber assim você bebia, mas despistado... Então... Tem isso, você tem que beber, você passa a noite inteira na rua, né... Tinha dia que você fazia programa, tinha dias que não... Então assim... Eu preferia trabalhar no hotel... Você tem que [na rua, na boate] ficar chamando homem... Eu nunca fui de ficar chamando homem, nunca fui de ficar... Sabe? Sempre trabalhei em hotel, deitada, lendo... Mas sempre no charminho, coisa tal, cliente passava, a gente olhava, conversava, ele perguntava o que a gente, né? Então... Sempre gostei de ficar assim... Ai eu optei por ficar mais no hotel... Rua, nunca gostei de trabalhar na rua... Sabe, você fica mais exposta... Não é que tenho vergonha, que todo mundo sabe... Não devo nada a ninguém, meu trabalho... Não tenho problema com isso, minha família toda sabe... Então não tenho problema com isso... Eu preferia sempre ficar em hotel mesmo. Vinha sol, chuva, frio... Qualquer tempo eu tava lá dentro do hotel... Estava tranquilo, sabe? (Cleusy, 14/6/2011)

Eu acho que a rua é muito violenta, porque elas [da rua] não trabalham como a gente trabalha. Pra estar com problema de drogas, agressão, roubo, você sabe disso. Eu já ouvi mulher falar que foi pro hotel com o homem, chegou lá, pôs ele pra dormir e roubou dele. Isso aqui não existe. (Arlete, 6/6/2011)

A região da rua dos Guaicurus forma, pela sua organização e modo de funcionamento, um contexto pouco favorável à ocorrência de eventos violentos, uma vez que, além da prostituição funcionar ali em locais fechados, há aí uma série de pessoas (porteiros, gerentes e seguranças) e equipamentos (câmeras, alarmes, etc.) cujos

objetivos são selecionar os clientes, dissuadi-los a tomar decisões que possam comprometer a segurança do local e a integridade das mulheres e, no caso de falharem, proteger e assistir as mulheres em momentos de risco.

Dessa forma, a região dos hotéis talvez seja a mais “pacífica” entre todos os espaços de prostituição da capital. Apesar disso, há um considerável repertório de estratégias de segurança, que são desenvolvidas e transmitidas entre as mulheres desse espaço. Algumas dessas estratégias, como veremos, ficam a cargo de terceiros (tais como porteiros e gerentes), mas ainda assim há uma série de conhecimentos que são colocados em prática ali todos os dias, no decorrer do trabalho das prostitutas do local.

Durante o período em que estive ali presente (sobretudo entre fevereiro de 2011 e junho de 2012), não pude presenciar qualquer caso explícito de violência. Porém, em meus primeiros dias de trabalho de campo havia um grande burburinho a respeito de um cliente que havia sido esfaqueado por uma prostituta porque havia retirado (sem conhecimento dessa última) seu preservativo no transcurso do programa. Além disso, os depoimentos que recolhi apontam para diversos tipos de ocorrências recorrentes.

Em relação aos eventos violentos na região da Guaicurus, pude observar que, entre os dois grupos que normalmente são agressores, ou que representam mais riscos à integridade física das prostitutas (clientes e colegas) apenas um desses faz-se presente nos casos citados: praticamente todos os casos de agressão e violência em geral contra essas mulheres envolvem não suas companheiras (como é mais ou menos comum em outros espaços), mas os clientes.

Em relação aos clientes, as ocorrências mais frequentes na região referem-se, sobretudo a casos de agressões físicas, calote, homens que se recusam a usar preservativo durante o programa e desrespeito dos clientes ao tempo de transcurso do programa. Basicamente, essas são as quatro fontes em potencial de violência. As prostitutas da região são categóricas ao citarem esses eventos e praticamente não relatam outros problemas relativos à segurança no local.

Considero o calote, a recusa ao uso do preservativo e o desrespeito aos combinados do programa (sobretudo sobre o tempo) como formas de violência porque esses eventos geram tensão e agressões físicas entre clientes e prostitutas.

Para cada evento me foram relatados alguns repertórios de segurança específicos. Pude perceber que esses repertórios são construídos coletivamente e, em sua maioria, surgem das experiências dessas mulheres e da troca de informações entre elas. Parece haver, na região dos hotéis da Guaicurus, uma camaradagem muito forte entre as mulheres (pelo menos se comparado a outros espaços estudados). Ali, apesar de seus conhecimentos não serem demandados a todo momento (como na rua, por exemplo), há uma transmissão muito clara deles e o fato de existir pouca rivalidade entre as mulheres facilita essa difusão.

Durante o trabalho de campo pude ouvir, sobretudo, repertórios relacionados a estratégias de seleção, proteção e dissuasão. Não me foram relatados repertórios de evasão (fuga ou alguma forma de facilitar a fuga), uma vez que isso dificilmente é necessário, já que gerentes e seguranças procuram resolver prontamente os conflitos e agem sempre muito rapidamente.

O que mais chama a atenção entre todos os repertórios desenvolvidos por essas mulheres é a considerável quantidade de estratégias de seleção que existem no local. A grande maioria das mulheres não admite que exista um trabalho de seleção de clientes e sempre ressaltam que fazem programas absolutamente com qualquer um, embora, mais adiante nas entrevistas, essas mulheres se contradizem, revelando que existe, sim, um esquema para selecionar clientes indesejados.

Outro ponto interessante é que grande parte do trabalho de seleção é relegado aos porteiros e gerentes, cabendo às mulheres recusarem os que, por algum motivo (distracção ou negligência dos porteiros), escaparam a essa seleção inicial. Antes mesmo de entrarem nos hotéis, os potenciais clientes passam pelo pente-fino dos porteiros que observam, sobretudo, a idade, o aspecto físico (com algum espírito lombrosiano) e se esses homens que entram estão bêbados ou drogados. Se ainda assim alguém que se enquadre nessas categorias entrar no hotel os gerentes, que se posicionam sempre de maneira estratégica (a maioria das “administrações” ficam de frente para os corredores), podem retirá-lo do local. Por fim, nas portas dos quartos, as prostitutas também fazem sua seleção.

- Ah, cê não tem como selecionar, não. A não ser, assim, se ele tiver sujo, muito bêbado, né? Pra não dar confusão, a gente evita de fazer programa com esse tipo de gente.

Também era muito difícil de entrar no hotel... Só mesmo se acontecer uma distração de porteiro... O porteiro mesmo barra. Não deixa subir não.

(Cleusy – 14/06/2011)

Outro repertório revelado por essas mulheres compõe-se de uma série de estratégias de dissuasão. Esses repertórios visam dissuadir os clientes que parecem potencialmente perigosos a desistir de alguma ação infeliz antes que ela aconteça. Assim, as prostitutas dos hotéis da região da Rua dos Guaicurus desenvolveram várias estratégias para dissuadir os clientes de realizarem atos que poderiam prejudicá-las.

Sua constante postura *blasé* pode ser interpretada como uma das suas estratégias de dissuasão. Ao mostrar enfado, essas mulheres deixam clara a sua pouca paciência para brincadeiras e procuram apresentar uma atitude, no mínimo, mal-educada, cujo objetivo é colocar os clientes numa posição de inferioridade, obrigando-os a negociar com alguém que não se mostra flexível e disposta ao diálogo.

Elas também dissuadem o cliente e potencial agressor através de uma postura corajosa e ousada, sendo firmes nas suas opiniões e mostrando personalidade. Assim, podem construir uma imagem junto aos clientes de que são fechadas ao diálogo, irritadiças e explosivas. Além disso, falsificar a própria história para tornar-se, aos olhos do cliente, uma pessoa “perigosa” ou, no mínimo, “iniciada” nas histórias e hábitos da marginalidade, pode ajudar a “desanimar” o potencial agressor.

- Outra coisa... Você tentava selecionar os clientes, por exemplo, tinha algum tipo de gente que você mandava embora?
- Não. Quando a gente tá nessa vida a gente transa com qualquer um. Já transei com homem que ele chegou e pôs o revólver em cima da mesa. Eu não perguntei o que ele era nem nada, transei com ele, ele me deu o dinheiro e foi embora. Teve uma vez que eu transei com um que ele pôs um negócio assim, eu vi, era faca, ele achou que eu não vi, ele pôs a calça em cima. Assim, mas eu finjo que não vejo, sabe? Aí ele transou comigo, me deu dinheiro, aí eu perguntei: “por que você tá com essa faca aí?” Aí ele falou assim: “sabe por que eu venho com essa faca? Um dia eu vim aqui e quando eu tava na rua me roubaram, eu ia pegar o ônibus”. Aí ele tava andando armado. Mas aí eu vejo e fico calada. Quando eles põem uma coisa não pergunto não, a gente fazendo muita pergunta fica esquisito, né? A gente corre risco. Tem vez que chega um e diz “quanto que é” e vai tirando a camisa: “cabei de sair da cadeia agora!” [o homem diz]. A gente fica com

medo né, aí eu digo “ah é? Eu também já fui presa” (mentira!). “uai, você já foi presa?” “Já”. Aí a gente começa a conversar e acaba que ele paga... Tem uns que chega, fecha a porta e diz “eu moro lá na ‘cabeça de porco’”, uma favela brava, né. “Uai, cê mora lá? Eu moro lá na pedreira!” [mentira]. A gente não pode dar uma que tá com medo. Se dar uma que tá com medo, aí eles “monta”, aí tem que ir na deles... Aí eu faço assim, acaba tudo certo. (Cintia – 2/7/2012)

Essas estratégias de dissuasão (o ar *blasé*, a postura firme e mal-humorada e a falsificação da própria história) parecem se encaixar no que Pryen (1999) chamou de processo de teatralização. Para essa autora, a teatralização representa uma postura que não possui muita ligação com a vida pessoal ou os sentimentos da prostituta, mas serve para compor uma personagem que imponha *respeito*, entre seus pares e entre os clientes, construindo, assim, um ambiente mais seguro, calcado nessa ideia de respeito. Assim, a teatralização pode ser comparada a outros processos de construção da imagem profissional, com a diferença que, entre as prostitutas ela parece ser mais artificial, sem uma ligação real com a personalidade e os gostos do indivíduo. Para Pryen, esse processo de teatralização possui um papel importante na socialização profissional dessas mulheres. Aquelas que vão chegando nesse espaço aprendem, das mais experientes, a “se portar”, ou a “atuar”, visando ser uma prostituta de respeito. Aquelas que não aprendem a atuar dentro desse esquema são marginalizadas, uma vez que deixam transparecer seus sentimentos e, assim, mostram fragilidade. Esse conflito entre frágeis/ingênuas e fortes/experientes acontece com frequência em todos os espaços de prostituição que observamos, e na região da Rua dos Guaicurus não é diferente:

Chegou aqui uma moça, coitada, não sabia de nada. Ou se sabia, fazia pouco caso dos conselhos que damos a ela. Conversava fiado com os clientes, deixava eles ficarem um tempão no quarto, arrumava namoradinho todo dia... Rapidinho correram com ela daqui... (Elza, 22/11/2011)

A agressão física aparece com alguma frequência nos depoimentos das mulheres da região da Rua dos Guaicurus. Porém são casos que rareiam mais e mais, de acordo com as pessoas desse meio. Não parece muito claro por que esses episódios acontecem, mas geralmente envolvem clientes caloteiros ou violentos contumazes. No segundo caso, parece violência gratuita, onde homens, no transcurso do programa batem nas mulheres, talvez como parte de alguma fantasia sexual ou gratuitamente. Nos dois

casos, as mulheres consideram isso como o máximo de desrespeito e, dessa forma, muitas vezes antes de chamar o gerente já revidam violentamente.

O importante aqui é destacar que, no caso da região boêmia, a agressão aos clientes não é considerada pelas mulheres como um repertório a ser usado. Ali, a agressão aos clientes é algo extremo e reprimido pelos gerentes dos hotéis. Assim, a agressão pelas prostitutas só ocorre em situações extremas e representa, como dissemos, não um repertório, mas a evidência de que outros repertórios falharam, em algum momento. Em outros espaços, como nas ruas, a agressão aos clientes é algo natural, usual e factível: um instrumento a ser usado.

Assim que são chamados, os gerentes procuram evitar a violência, sobretudo se os dois já se agrediram. Em geral as mulheres costumam bater sozinhas ou coletivamente nesses homens, o que causa medo nos gerentes, uma vez que já aconteceram casos de homicídio⁶ dentro dos hotéis.

- Os caras respeitam também, né?
 - Respeita. Eles não são bobos. Tem câmera e tudo aqui. O cara não consegue sair. Se a mulher gritar ali o cara ta preso aí.
 - [terceira pessoa] Se abusar a mulher bate nele ainda...
 - Mas também cê não pode deixar... Mata o cara e dá problema. Mas graças a Deus, hoje em dia [não tem muito problema]...
- (Geraldo (gerente) 9/7/2012)

A ideia de um homicídio dentro de suas dependências aterroriza esses gerentes, que procuram evitar ao máximo que as mulheres agridam os homens. Existe um medo de que os hotéis onde essas agressões acontecem fiquem com má-fama e isso espante os potenciais fregueses. Há hotéis na região que, entre os iniciados, tem fama de serem mais perigosos do que outros e de concentrarem algumas mulheres “barraqueiras” e

⁶ Em 2012, um caso de homicídio. Em 2011, dois casos. Não encontrei dados sobre o período anterior, mas houve um esforço dos donos de hotéis para reduzir esses casos de violência extrema e melhorar a imagem da região, não só para os clientes mas também junto às autoridades.

violentas. Clientes, gerentes e prostitutas atribuem a essa opinião o fato de esses hotéis serem relativamente menos visitados do que outros.

Em casos de calote, o gerente muitas vezes exerce pressão e, através de ameaças, consegue resolver o problema. Em geral eles são chamados por uma campainha no quarto (ou através de gritos, nos hotéis mais decadentes) e prontamente colocam-se na porta do quarto. Geralmente, antes de chamá-los, a própria ameaça da sua possível atuação já faz com que a maioria dos problemas sejam resolvidos. Senão, o gerente impõe, através de pressão psicológica ou ameaça física, a sua solução ao problema.

Sabe o que eu faço? É assim, já aconteceu várias vezes comigo. Acontece. O cara entrou, transou, gozou: “nossa senhora, esqueci meu dinheiro não sei aonde”... Sabe o que eu fiz? Tem uma colega que trabalha na outra porta, eu disse “o Cláudia, chama o gerente lá pra mim”. Aí, do quarto dela ela ligou pro gerente, aí o gerente já chega [bate na mesa], bate com força na porta, pro cara já ficar com medo. Aí entra, ele fala “ai, não tenho dinheiro”, “não, mas você ficou com a menina?” “Fiquei”... “Não, cê vai pagar ela”... Aí manda outra pessoa ir lá na casa lotérica, tirar o dinheiro, aconteceu comigo foi assim, aí o cara do hotel foi lá com ele e deu o dinheiro dele, ele deu até mais, pra você ver, o homem deu até a mais... E pagou. E tem outra também, o outro não pagou e disse, “nossa, fui roubado! Fui jogar bola e fui roubado!” Aí você lembra que usava “sansonite”? Bolsa cara, né? Eu falei assim “então você vai deixar essa bolsa sua aí”. Chamei o gerente, o gerente foi, expliquei tudo direitinho então o gerente falou assim “então essa bolsa vai ficar comigo, você vem, me entrega o dinheiro que eu te dou a bolsa, a hora que ela voltar eu dou o dinheiro pra ela”. E ficou assim... (Cintia – 2/7/2012)

Apesar de quase sempre citarem o apelo aos gerentes como solução para todos os problemas surgidos no quarto, durante o programa as prostitutas lançam mão de uma série de estratégias para observar o cliente e procurar antecipar-se num caso de violência. Essas estratégias referem-se, sobretudo à atenção com a postura e com as mãos dos clientes e também a atenção especial com determinadas posições sexuais.

- Outra coisa, durante o programa, você costuma observar o comportamento do cliente?
- Aham, fico, eu não gosto que eles põem a mão assim, do jeito que dá pra enforçar. Eu fico de um jeito que não tem jeito deles me enforçar. Tipo uma coisa que tem jeito d’eu sair.
- Ah tá, então você considera que durante o programa tem alguma posição mais perigosa?

— Aham. Eu fico de um jeito que não deixo a mão deles... sei lá. Eu faço um jeito que não tem jeito deles me enforçar não. E tem homem que morre em cima da gente, nunca aconteceu comigo, mas acontece, aí tem mulher que nem consegue sair. Aí tem que deixar no jeito pra gente sair também. (Cintia – 2/7/2012)

Além da atenção às mãos do cliente, há um medo particular das mulheres em fazerem a posição “de joelhos”. Há o risco do cliente retirar o preservativo sem que a mulher perceba, como já dissemos antes. Apesar disso, essa prática é largamente difundida na região da Guaicurus, e faz parte do “programa de quinze⁷”. Para a maioria das mulheres é o momento mais tenso de seu trabalho.

Programas com dois ou mais clientes são, em geral, recusados, uma vez que, se já correm risco com um cliente, com dois homens dentro de seu quarto os riscos de agressão, calote, roubo, etc. aumentam muito. Assim, esse tipo de programa só é realizado raramente, com clientes já conhecidos.

— Você e as outras, vocês faziam programa com mais de um cliente?

— Já, já chegamos a fazer... Eu mesmo já cheguei a fazer... Dentro do hotel... Mas mesmo assim, perigoso, mas você não ia... Quando vinha outro, é porque um você já conhecia, sabe? “Eu tô com um amigo aqui, a gente queria fazer uma coisa diferente...” Mas sempre um a gente já conhecia, já era cliente, sabe? Então... Já fiz outras vezes, graças a Deus não tive problema. (Flávia – 4/3/2012)

Os gerentes parecem ser a única esperança de resolução de problemas para essas mulheres, uma vez que a polícia na região não lhes dá apoio. Para as prostitutas que trabalham na rua a polícia parece ser mais presente e atuante no sentido de resolver os casos envolvendo clientes e prostitutas. Talvez os próprios policiais reconheçam a rua como um espaço naturalmente mais violento e, assim, prestam mais apoio às mulheres desse espaço. Já no caso da região da Guaicurus, não parece haver um excelente entendimento entre gerentes, prostitutas e policiais.

Contudo, atualmente a polícia parece procurar um melhor relacionamento com as mulheres dos hotéis. Atribuo esse fato a dois fatores: o primeiro é a influencia que a

⁷ Programa mais simples, bastante difundido na região, consistindo em sexo oral e três posições sexuais, com preservativo e durante quinze minutos.

APROSMIG e a AARG⁸ possuem na Polícia Civil. Inúmeros eventos realizados por essas organizações contaram com o apoio do sindicato de policiais civis e da polícia militar. Outro aspecto a se observar é a presença constante da APROSMIG e de sua coordenadora, Cida Vieira, na mídia, e a realização de eventos que dão visibilidade às prostitutas como a realização, por exemplo, do Concurso Miss Prostituta 2012⁹, em outubro de 2012.

Dessa forma, a relação das mulheres da região da Guaicurus com outros profissionais presentes em seu cotidiano (sobretudo gerentes e policiais) vem melhorando com o passar do tempo (no caso da polícia, melhorando mais lentamente). Aí há um bom relacionamento (embora não livre de disputas e tensões) com os gerentes, que dão todo o apoio às prostitutas em situações de risco. Alguns gerentes são citados nas entrevistas como pessoas “boas”, que ajudam as mulheres em momentos de dificuldade, embora outras vezes eles sejam apontados como exploradores e sem sensibilidade pelos problemas pessoais dessas profissionais. De toda forma, independentemente da visão que as mulheres têm deles, as entrevistas e a observação apontam para uma forte presença dos gerentes no trabalho das prostitutas dos hotéis. Essa atuação é fundamental para a segurança do trabalho sexual nesses hotéis.

Embora a polícia ainda seja razoavelmente omissa nos casos de violência na região da Guaicurus, sua atuação vem melhorando, como já dissemos, embora ainda esteja longe do ideal. E se, como também já relatamos, as mulheres – em sua maioria – tem uma relação próxima e afetiva entre si, sobram aos clientes o principal papel de agressores e de geradores de tensão. Assim, lembrando Pryen (1999), eles serão, de certa forma, os catalisadores para a transmissão e geração de repertórios que, como cita essa autora, são os principais instrumentos de socialização profissional.

Na região da Guaicurus, como em outros espaços, a socialização das neófitas passa pela internalização de conhecimentos de redução de riscos. Porém, essa socialização é mais fácil nos hotéis, em comparação com os outros espaços, uma vez

⁸ Ver nota na página dois.

⁹ O concurso Miss Prostituta foi um evento que nasceu da parceria entre a APROSMIG, a AARG e o Shopping Uai. Nos planos iniciais, não haveria realmente uma disputa entre as candidatas a miss: seria um evento recreativo, buscando a visibilidade da causa da legalização da profissão. No fim, a disputa aconteceu, e o evento foi um grande sucesso, trazendo a associação das prostitutas para debaixo dos holofotes.

que a citada colaboração entre as mulheres da região contribui para que a acolhida e introdução das novatas naquele meio seja menos traumática.

Um dos aspectos centrais dessa socialização nos hotéis da Rua dos Guaicurus parece ser a construção da noção de respeito através, não só da internalização de repertórios de redução de riscos, mas também do manejo de um instrumental de teatralização. Aí nesses locais esse processo é bem evidente, em comparação com outros espaços. Portanto, aprender a “atuar” e a organizar uma série de símbolos e posturas constitui um dos aspectos centrais da socialização das prostitutas que entram nesse espaço. Aí a apreensão de repertórios antiviolença é menos fundamental (mas não deixa de ser importante), uma vez que as ocorrências de agressões na região são cada vez menos frequentes e a presença e apoio dos gerentes é quase absoluta.

Assim, veteranas e novatas colaboram num ambiente razoavelmente ameno, ajudando-se sempre que possível, fazendo com que a inserção das mais jovens seja mais tranquila, sobretudo, como já dissemos, pelo pouco risco que oferece a região e pela maior camaradagem entre essas mulheres.

A transmissão de conhecimentos entre as mulheres dos hotéis é intensa. Entre elas existe um forte corporativismo e a troca de informações é mais usual do que em outros espaços. A origem dessa colaboração está no ambiente fechado dos hotéis e na concorrência menos exacerbada entre as mulheres nesses estabelecimentos.

Na Guaicurus, muito mais que em outros espaços, existe um evidente clima de camaradagem e parece haver muito companheirismo entre as mulheres. Claro que sempre são relatadas brigas e muita fofoca, mas em comparação com outros espaços de prostituição da capital, podemos dizer que, ali nos hotéis, há uma colaboração entre as mulheres muito mais intensa do que em outros espaços (por exemplo, na rua ou em boates).

- Pois é, essa questão delas se ajudarem, como é?
- É, costuma. Uma ficar olhando a outra... cê vê um barulho nessa que ta mais perto, as vezes costumam ser colegas, né? Ai, já ta acostumada a trabalhar muito tempo junto, né, perto uma da outra... ai costuma né, da aquela olhada, a gente chega “e ai, ta gozando muito?” (risos) “ta bem ai”... aquela coisa assim, que ela vê que a gente ta ali, qualquer coisa, né, gritar, ou se você escutar alguma coisa a mais... as vezes cê ta com um programa demorado, ai uma fala “ah, ta demorando

muito"... ai a gente brinca, dá um grito... Chama as meninas mesmo... "Não, tá tudo bem"... (Michele – 2/5/2012)

Dessa forma, comparativamente aos outros espaços que detalharemos adiante, as prostitutas da Guaicurus são as mais colaborativas e corporativistas dentro do contexto mais geral que estudamos. Isso parece irônico, pois esses hotéis são os lugares mais seguros para se prostituir na cidade e são onde os conhecimentos de segurança transmitidos por essas mulheres são menos demandados. Outros meios mais violentos, como as ruas, são marcados por fortes rivalidades e individualismos, o que acaba prejudicando a transmissão desses repertórios essenciais para a realização de um trabalho mais seguro.

Hoje a APROSMIG funciona como um espaço facilitador de troca de informações e de cooperação entre as prostitutas do local, mas mesmo antes de sua existência, as mulheres relataram essa forte cooperação que descrevemos. Como dissemos, a APROSMIG possui uma presença importante na região da Guaicurus, não atingindo muito eficazmente outros espaços de prostituição. Assim, essa associação é um facilitador a mais para a transmissão de conhecimentos e para a construção de um ambiente mais seguro na região.

Assim, no que se refere às características desse espaço, a tese de Melissa Farley (2005) é invalidada. Para essa autora, os ambientes fechados de prostituição tendem a ser mais violentos, pelo fato de estarem escondidos ao público, apresentando uma maior liberdade aos cafetões e clientes para agredirem fisicamente e pressionarem psicologicamente essas mulheres. No contexto prostitucional de Belo Horizonte, os locais fechados, como a região da Guaicurus e as boates são, com algumas diferenças, os lugares mais seguros ao trabalho das prostitutas.

Dessa forma, observamos que a região dos hotéis da Guaicurus é o espaço mais seguro para se prostituir em Belo Horizonte e é onde acontecem os mecanismos de transmissão de repertórios de segurança e, concomitantemente, de socialização de maneira menos traumática. Há na cidade um outro espaço cuja segurança parece próxima à da região da Rua dos Guaicurus, mas que registra muito mais casos de agressões e situações de risco, além de apresentar uma maior tensão entre as mulheres. Esse é o espaço das boates, que abordaremos a seguir.

Anexo I: Inventário dos repertórios de segurança presentes na Rua dos Guaicurus.

Estratégias de Seleção	Evento Violento	Repertórios, se a seleção falha.
<p>Realizadas por:</p> <p style="text-align: center;">Porteiros ↓ Gerentes ↓ Prostitutas</p> <p>Tipos recusados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jovens demais; • Bêbados; • Sujos; • Drogados; • “Estranhos” (mal-encarados) 	<p><u>Agressão Física</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Calote</u></p> <p><u>Desrespeito aos</u> <u>combinados do</u> <u>programa</u> (preservativo e tempo)</p>	<p><u>Dissuasão</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Postura corajosa/blefe • Conversam com o cliente (firmemente, sem margem para negociações) • Ar Blasé • Ameaçar chamar gerentes/seguranças <p><u>Evasão</u> (não há)</p> <p><u>Proteção</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Chamar gerentes/seguranças • Evitar posições sexuais arriscadas, ou ficar atentas à elas • Mulheres vigiam-se • Recusar programas com dois clientes (exceto conhecidos) • Troca de informações • Agridem clientes • Evitar posições sexuais arriscadas

Anexo II: Mapa da Região da Rua dos Guaicurus



Apud BARRETO (2008).

Prostituição em Boates

Caracterização do espaço, das boates e dos programas

Tipos de violência mais recorrentes

Repertórios

Transmissão de repertórios

As boates são o tipo mais clássico, romantizado e antigo entre os diversos espaços de prostituição em Belo Horizonte. Nesses lugares ainda há um clima de relaxamento, entre prostitutas e clientes que parece desusado, se comparado aos métodos “industriais” (grande fluxo de clientes, indiferença das mulheres, etc.) dos hotéis da região da Rua dos Guaicurus e ao clima tenso e apressado da prostituição nas ruas.

Não é muito fácil saber quando começa a história das boates em Belo Horizonte, mas o que sabemos é que elas são herdeiras dos antigos cabarés, que vieram para cá junto dos construtores da cidade. A partir dos anos 1950, os cabarés foram decaindo, e o *rendez-vous* (expressão que caiu em desuso) ascendeu como uma forma bastante popular de prostituição na capital. As boates atualizaram os cabarés ao introduzirem a vitrola da ficha e os shows de *strip-tease*, mas ainda possuem muitas características oriundas desse período mais antigo, como a centralidade do bar para a economia desses locais ou as comissões sobre a bebida, ganhas pelas mulheres.

Essas boates estão espalhadas por toda a cidade. Durante meu trabalho de campo observei boates de prostituição em todas as regiões da capital. Elas estão presentes em muitos bairros, mas pude notar uma concentração maior na Pampulha e bairros adjacentes (com algumas mais simples e outras de luxo), na região do Barro Preto (todas “decentes”, mas não muito luxuosas), no hipercentro (sobretudo na região da rodoviária (que chamaremos de “baixo centro”), todas muito decadentes) e na região da Savassi (boates de luxo).

Apesar das diferenças de preço e níveis de luxo e sofisticação, as boates – em todas as regiões da cidade – funcionam de maneira parecida, ou possuem a mesma estrutura de funcionamento, seja na Savassi ou no “baixo centro”. Essa estrutura pode ser representada por três “instituições” onipresentes: Bar, shows e programas. Todas possuem um bar, importante fonte de renda para os donos das boates, todas apresentam

um palco (hoje quase todos equipados com *pole-dance*) onde são feitas apresentações de *strip-tease*, e em todas – obviamente – são feitos programas.

As boates que pude observar funcionam entre 22h e 5h, aproximadamente. Além do valor do programa, os clientes devem pagar um valor à boate, à título de “aluguel do quarto”. Se o cliente desejar realizar o programa fora da boate, deve pagar um valor extra à gerência. Todos os programas são pagos à gerência, e no fim da noite (geralmente) as mulheres recolhem seus valores com o administrador.

Quanto ao *layout* das boates, percebi um padrão em todas. A única diferença, como dissemos, é o nível de sofisticação e conservação das instalações. Mesas dispersas em volta de um palco, onde ocorrem os shows. Nos fundos, um grande balcão de bar, ladeado da administração, composta por uma janelinha e um caixa. Além disso, há um *jukebox*, também chamado de “vitrola de zona”, onde os clientes podem colocar fichas e escolher músicas. Essa vitrola é o centro do movimento das boates, e o tempo todo há homens e mulheres que escolhem músicas nas máquinas. Os homens escolhem músicas românticas e as mulheres, com fichas pagas pelos homens, escolhem músicas dançantes e sensuais, para facilitar na sedução dos clientes, como veremos mais adiante.

Em geral, o ambiente é mal iluminado. No baixo centro, as boates pareceram mais malconservadas, com paredes descascando e camas sem lençóis. As prostitutas com as quais falei destacaram que se sentem seguras e que os casos de violência com clientes são raros. A maioria passa temporadas nas boates, vivendo aí por alguns meses até se deslocarem a outro estabelecimento do mesmo tipo.

Como citamos acima, a maioria das boates funciona entre as 22h e 5h. mas muitas sobretudo, no centro, ficam abertas todo o dia, embora no período diurno o movimento seja fraco. Assim, durante o dia essas boates ficam abertas, mas as mulheres só aparecem no salão se chegam homens. As boates mais sofisticadas da zona sul não abrem durante o dia.

Tinha boates que tinham três horários. Tinha o horário da tarde, tinha o almoço, trabalhava até tarde, depois voltava pra jantar, e trabalhava a noite. Isso varia entre as boates, tem boate que só é de noite. (Geyse – 22/9/2012)

Algo que chama a atenção nas boates é que o processo de negociação dos programas é mais demorado e complexo do que em outros espaços e envolve uma série

de comunicações não verbalizadas e ritualizadas, mas ao mesmo tempo muito antigas e difundidas em todas as boates. Desde a chegada do cliente na boate, a negociação começa, e passa por diversas fases.

Ao entrarem nas boates, os clientes quase obrigatoriamente fazem o “percurso” bar-show-programa, e nesse percurso é realizada a negociação. Essa negociação/sedução pode durar minutos ou horas, dependendo da pressa ou da distração do cliente. Mas as prostitutas se contentam com essa demora, uma vez que os clientes que vão às boates, em geral, têm mais tempo para “curtir” sua noite do que aqueles que vão aos hotéis da Guaicurus ou às ruas. Pareceu-me que todos os que frequentavam as boates gostavam do ambiente e se divertiam com outras coisas, além do sexo, como a música, os shows e a bebida.

Além disso, as mulheres não esperam fazer muitos programas durante uma noite. De fato, o objetivo delas é realizar poucos programas mas, sobretudo, programas “caprichados” (nas palavras de uma delas), ou seja, mais demorados, com práticas mais complexas, com os quais se pode ganhar mais dinheiro, mesmo realizando poucos programas na noite.

Chegando, os clientes procuram uma mesa ou vão diretamente para o bar, e rapidamente são abordados pelas mulheres. Inicialmente, elas também não demonstram pressa na negociação dos programas e começam pedindo que o cliente lhes pague uma bebida.

A bebida possui papel central nas boates. Os preços são abusivos, o que garante bons lucros aos seus proprietários. Além disso, as mulheres ganham comissões sobre as bebidas que, se consumidas largamente, podem contribuir positivamente para seu orçamento no fim do mês. Por fim, para os clientes a bebida é fundamental pois a maioria se faz presente nas boates não só para fazer programas, mas para viver um momento de *détente*, sozinho ou com os amigos, e isso, claro, inclui beber.

- E você tinha que beber alguma coisa também?
- Tinha, porque davam comissão de dose. As vezes era um real, dois reais de comissão [por dose], dependendo da dose também.
- Mas e se não bebesse nada?
- Dá problema, algumas boates tem um número mínimo de bebidas pra gente tomar antes de fazer um programa. Mas tipo assim, os donos de boates gostam daquela mulher...

Eles dão mais valor pra mulher que bebe, que ajuda a casa a ganhar dinheiro. (Aline – 30/1/2012)

Após a bebida (que pode ou não ser oferecida pelo cliente mas, se esse não oferece, acaba mal visto pelas mulheres, dando a impressão de que é pobre ou mesquinho), o “casal” começa a negociação, que passa necessariamente pela dança. Em geral a prostituta pede que o cliente pague uma ficha de música, a qual é escolhida por ela e que a utiliza para dançar sensualmente diante do cliente (ainda não é o show de strip-tease).

Nesse momento ela, durante essa dança exclusiva e particular, a prostituta ainda não se despe totalmente, mas realiza danças extremamente sensuais e provoca o cliente de todas as maneiras, friccionando seu corpo contra o dele ou tocando em seus genitais.

Praticamente em todas as noites (às vezes durante os dias de semana muitas boates não tem esses shows) há apresentações de *strip-tease*. Esses shows podem ser pagos pelo cliente (que pode optar em vê-la despir-se no palco ou na sua mesa) ou pelo proprietário do local. Em eventos especiais, há shows com muita frequência e as prostitutas têm que cumprir uma cota de shows devidos à administração antes de começar a cobrá-los.

Esses shows são bem simples, nas boates mais decadentes do centro, consistindo numa mulher que se despe ao som de uma música da vitrola, mas podem ser bem luxuosos e complexos, na zona sul, com várias mulheres ao mesmo tempo, som e iluminação especiais e várias músicas e caracterizações diferentes. Algumas boates permitem aos clientes participarem dessas sessões de *strip-tease* (despindo-se ou despindo as mulheres), sobretudo em eventos especiais e festas de despedida de solteiro, mas isso não é comum.

Depois dessas danças é esperado que o cliente fique excitado e aí ele passará a ter duas opções: pagar mais um show de *strip-tease* (que pode significar também que ele não fará um programa, e que só quer ver) ou negociar o programa (preço, tempo e práticas), na mesa. Após a negociação, os dois se dirigem ao caixa/administração, onde o programa é pago antecipadamente e, na maioria das boates, a prostituta recolhe preservativos, roupa de cama e a chave do quarto.

O pagamento dos programas e das bebidas acontece sempre num pequeno caixa ao lado do bar. Aí, geralmente, também funciona a gerência e um pequeno estoque de coisas (preservativos, bebidas, roupas de cama, etc.). Nenhum dinheiro passa nas mãos

das prostitutas durante a noite. Muitas boates acertam com as mulheres no fim da noite, algumas, no fim da semana.

Para fazerem um programa, as mulheres devem ceder à gerência um valor conhecido como “chave do quarto”. Esse é um valor pelo aluguel do quarto da boate. Esse valor varia muito entre as diversas boates, e vai de quinze reais no centro a cinquenta reais na zona sul. As mulheres não incluem esse valor no preço de seus programas, que é anunciado sempre seguido da expressão “mais a chave”, indicando que cabe ao cliente pagar o aluguel do quarto. Preservativos extras e acessórios também são cobrados a parte e são pagos pelo cliente.

Muitos clientes convidam as prostitutas para realizar programas fora das boates. Isso é possível, desde que se pague uma quantia à boate. Por isso, as vezes, os programas em motéis, etc., podem ser desinteressantes, uma vez que os donos das boates cobram quantias altas para permitir a saída da mulher, ou divide com ela os lucros desse programa.

- É muitas vezes o cliente achava o quarto horrível... é, aí tem que pagar a chave da saída da mulher. O que eu acho um absurdo. Porque ali eles estão com um tanto de mulher, e a gente vai pagar a nossa saída? O dinheiro que nos ganhamos lá dentro, aí já paga pra nós sairmos.

- E é caro?

- A chave geralmente é caro. A mais barata é a de dez. tem boate que é quinze, que é 25, e vai aumentando a chave. E tem boate que é meio a meio. Se você cobra 300 reais pra sair, é 150 pra casa. Já cobrei 400 reais numa saída e tive que dar 200 reais pra casa. E eu passei acho que nem uma hora, umas duas horas fora. Um duas, três horas, mas ele pagou pra dormir, entendeu? Ele pagou a saída, mas a saída era a mesma coisa que dormida. (Ana – 4/6/2012)

Percebi que as mulheres e os donos das boates ganham dinheiro não só com os programas. Ao entrar numa boate, o cliente (pelo menos os *habitués*) já sabem vão gastar em várias coisas além do sexo: bebidas para si, bebidas para as mulheres, fichas de música, cigarros, shows, etc. As boates mais luxuosas da zona sul fazem pacotes para grupos de homens (em despedidas de solteiro, por exemplo) que incluem tudo, exceto

sexo (whisky, energéticos, cigarros e até outras drogas). Não o incluem porque só as mulheres podem negociar seus programas.

A enorme maioria das prostitutas que trabalham em boate vive aí, dormindo nos quartos durante algumas semanas ou meses. Os donos das boates, geralmente, não cobram nenhuma taxa para que elas morem aí, mas cobram outras coisas, tais como o almoço servido, ou o uso das dependências comuns e dos escaninhos onde as mulheres guardam seus pertences.

Parece que a convivência dessas mulheres, durante tanto tempo, é uma das fontes de rivalidades e brigas em seu cotidiano. Detalharemos isso mais adiante mas chama a atenção a maneira como as prostitutas de uma mesma boate se odeiam, com raras exceções. A origem dessas brigas é a disputa por clientes e a inveja que algumas sentem por outras, mais bem sucedidas. Mas o fato de viverem juntas e fazerem mexerico todo o tempo colabora para a agudização desses conflitos.

Apesar das vantagens que a moradia nas boates traz (sobretudo o fato de não gastarem dinheiro com transporte, visto que muitas são do interior), muitas mulheres reclamam das condições dessa moradia. Há muitas queixas sobre as taxas cobradas pela administração em seu cotidiano, as brigas com colegas e a falta de liberdade que elas sofrem estando aí. Muitas vezes gerentes e seguranças controlam seus movimentos e deixam-nas sair muito pouco.

Eu sempre morava na boate. Tem mulheres que voltavam pra casa. Iam pra boate e iam pra casa depois. Só vinham no final de semana, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo. Tinham mulheres que vinham só na quinta e tinham mulheres que moravam na boate, como eu morava na boate. Agora eu quero sempre alugar casa. Uma amiga me deu esse conselho: “nunca mora em boate”. Porque além de ser perigoso, algum dono de boate tranca... Tipo assim, tem dono de boate que, como a gente mora na casa, explora a gente demais. Fica prendendo a gente demais... Não deixa a gente sair. (Raquel – 6/6/2012)

Depois de algum tempo na boate, as mulheres vão embora. Esse tempo é variável, mas em geral acontece quando as mulheres deixam de ser novidade na boate, e sua clientela começa a cair. Então elas juntam suas coisas, acertam suas contas com os

administradores e procuram outra boate para trabalhar, muitas vezes passando temporadas no interior antes de voltar à capital.

Geralmente as mulheres fazem, no máximo, cinco programas por noite. Isso num dia muito bom. Em comparação com outros espaços, parece pouco, mas nas boates os programas são mais caros, além das outras fontes de renda das mulheres (comissão das bebidas, shows, etc.). Como já dissemos, elas procuram fazer programas mais longos ou mais complexos, ganhando assim mais dinheiro com poucos programas.

O preço dos programas varia largamente entre as diversas boates que visitei. No “baixo centro” o valor raramente passa de 50 reais, mais 15 da chave do quarto. Em boates mais medianas, no Barro Preto, por exemplo, o preço varia entre 100 e 150 reais, mais 30-50 do quarto. Na zona sul os preços não tem limites, chegando facilmente a 500 reais, mais 80-100 a título de chave do quarto. Esses valores referem-se ao programa padrão/básico, largamente difundido nesse espaço, embora não tão onipresente como acontece na região da Rua dos Guaicurus, por exemplo.

A maioria dos programas realizados em boates não diferem muito dos programas “básicos” dos outros espaços: sexo oral, duas ou três posições sexuais, com preservativo. A principal diferença nas boates é o tempo. Aí, o programa dura mais, sendo sua duração mínima meia hora (enquanto na Guaicurus ou na rua, quinze minutos), podendo facilmente chegar a uma hora, tudo mediante negociação, claro.

- Ah, era só papai-e-mamãe, sexo normal, duas posições até o homem gozar... sexo oral com camisinha e as posições. Todas as posições.

- E não tinha um tempo definido não?

- Era meia hora. Tinha boate que era meia hora certinho, tinha boate que “esquecia” a gente no quarto. Tinha boate que nós é que tínhamos que marcar o horário. E tinha boate que, tipo, você é propriedade da boate, e dava quinze minutos, com quinze minutinhos já chamavam você.
(Danielle – 6/6/2012)

Outro aspecto interessante é que nas boates, apesar de ser largamente difundido o programa padrão, esse divide seu espaço lado a lado com outros programas mais heterodoxos. Nas boates é fácil encontrar mulheres que fazem diversas práticas dificilmente encontradas em outros espaços, tais como o sexo anal e a realização de fantasias sexuais. A isso atribuo o tempo mais longo disponível para fazer o programa,

além da segurança provida pelos donos e seguranças da boate, além, da sua melhor remuneração.

Na boate eu combinava antes. Eu combinava antes, por exemplo, sexo oral, vaginal é esse tanto, sexo anal é esse tanto. Se você quiser eu uso também o vibrador, em você, em mim, tal... aí é tanto. Aí já tá combinado. Faço fantasias sexuais também, o que você quiser, eu faço, até em motel. Fantasias sexuais, finge que é pervertida demais, sabe? (Vanessa – 31/5/2012)

Programas com dois clientes também são muito comuns. Nas boates o *ménage* é largamente difundido, realizado e bem remunerado. Aí, como dissemos, as mulheres encontram boas condições de segurança para realizar essas práticas, consideradas de alto risco por prostitutas de todos os espaços.

O *ménage* era combinado na boate. Qualquer coisinha, se rolasse confusão, se quisesse matar, agredir, da boate ele não saía. E nesses lugares, dependendo da confusão dá até morte... Se alguém arrumar confusão com dono de boate. Porque dono de boate conhece muita gente... Conhece policial, conhece bandido... E não pode... Se faz alguma coisa às vezes sai até morto ou apanha demais. (Vanessa – 31/5/2012)

Apesar da segurança provida pelo ambiente das boates, as mulheres encontram problemas no momento de selecionar seus clientes e, assim, reduzir de antemão seus riscos. Em geral, foi-me relatado que os tipos mais recusados pelas mulheres (e que passaram pela portaria, uma vez que ali também existe uma seleção) foram os homens que não cuidavam de sua higiene pessoal e/ou que aparentavam estar doentes.

Ah, os magrinhos demais, que tinha cara que tava doente, aidético... é assim, os homens que eu vejo que não se cuidam, que eu vejo que... aqueles homens que não cuidam da saúde, porquinhos, né? Aí, que não cuida da saúde, que fica com qualquer uma, bota a boca em qualquer uma... Aí eu já fico meio assim. E também, homem magrinho demais. Eu tinha um pouco de medo. Quando era magrinho demais eu.... até hoje assim, as vezes eles enganam, mas até hoje tenho medo de homem magro. Mas o magrinho, quando tá muito magro, o rosto murcha, aí tá com AIDS né? (Joyce – 15/5/2012)

Ao contrário dos outros espaços, os clientes bêbados raramente são recusados. Isso acontece porque muitos se embriagam nos bares das boates, o que gera um alto lucro para seus donos (as bebidas aí possuem preços, no mínimo, abusivos). Então, mais ou menos embriagados, a esses clientes é permitido o acesso aos programas, o que na maioria das vezes traz problemas para as prostitutas. Muitas alegam que são obrigadas a aceitarem alguns clientes embriagados porque esses pagam bem ou porque possuem boas relações com os donos das boates. Muitos desses clientes não ficam satisfeitos com o ato sexual, quando conseguem realizá-lo, reclamando assim a devolução de seu dinheiro que, em alguns casos, lhes é restituído pelos donos das boates, deixando o prejuízo e a perda de tempo às prostitutas.

- Ah, fala que não gozou e quer o dinheiro de volta.
- E aí, como vocês fazem quando isso acontece?
- Tem boate que não devolve. E tem boate que devolve sem pedir sua permissão. Cliente chega reclamando, devolve e você fica sem o dinheiro... Tem boate que não. Tem boate que se a gente gritar eles vão e botam pra fora. Ele tá errado, segurança bota ele pra fora. Mas tem boates onde esses bêbados inconvenientes são amigos dos donos ou dos seguranças. Aí... (Ana – 4/6/2012)

Apesar de serem relativamente comuns os casos de clientes problemáticos, esses não são os principais inimigos da paz e da tranquilidade dentro das boates. Nesses ambientes nota-se um grande número de depoimentos (quase todos) que apontam as colegas de trabalho como as principais agressoras e geradoras de situações de violência.

Há, nas boates, um forte clima de animosidade entre as mulheres. Não quero dizer que não há casos de companheirismo e amizade entre essas prostitutas mas, realmente, é difícil de encontrá-los. Quase todas as reclamações sobre seu trabalho referem-se às suas colegas que, segundo elas, são desleais, invejosas e fofoqueiras.

Nas boates, a concorrência é um foco de conflito muito maior do que em outros espaços. Ali a disputa por um cliente gera muitas situações de conflito. Há vários casos de disseminação de mentiras e boatos para desacreditar colegas, além de muitas mulheres se agredirem, nessas disputas por bons clientes.

Mas tinham umas que me furavam o olho, eu ia num cliente ela ia e na minha cara, pegava meu cliente... Então, amigas num lugar assim... Eu aprendi desde cedo que nesse lugar não tem amigos. Nenhum. (Mara – 30/4/2012)

Dessa forma, a vigilância nas boates é muito necessária, uma vez que esse clima de sobressalto e desconfiança é muito presente entre as mulheres que aí trabalham.

A inveja também é um sentimento comum nas boates. Algumas prostitutas (mais bonitas ou talentosas) acabam despertando inveja em suas rivais, uma vez que conseguem muito mais trabalho. As outras se sentem prejudicadas com esse “monopólio” e começam a utilizar sua principal arma: a maledicência.

Às vezes a mulher que trabalhava mais, despertava inveja, faziam picuinha com ela. Mas tinha umas que trabalhavam muito e faziam muito, mas não enchiam. Mas tinham umas que além de trabalhar queriam o que é da gente. Dava de cima da... Tem mulher que trabalha bem e quer até o que é da gente... No começo eu tentava tratar bem, ignorar, ficar na minha. Ah, hoje em dia eu trato como elas me tratam mesmo. A última que ficou com inveja em cima de mim, quase briguei com ela, mesmo sabendo que ela tava grávida. Toda hora eu tentava tirar ela do sério, mas ela não saía do sério. Eu humilhei ela que ela nem fez programa esse dia. Cliente desfez dela acho que foi por mim, entendeu? As outras mulheres roubaram ela nesse dia. Depois ela foi sair com um cara, cliente que tava lá, pagou uns lanches pra nós. Aí ela queria dar de graça pra ele. Olhou pra minha cara rindo assim. Sabe aquela pessoa que tem um olhar feio de inveja. Me encarou mesmo. Aí eu fui dormir. Aí eu tive medo, porque essas mulheres matam as outras dormindo. Aí coloquei um negocio lá de modo que se ela empurrasse a porta eu escutava. Aí ela foi lá dar pra esse cara, aí o cara queria fazer tudo com violência, queria rasgar a roupa dela, bateu na cara dela, puxou o cabelo dela... só que ela é uma mulher que não tem autoestima, então ela tá ficando acabada, se ela não se cuidar... (Mara – 30/4/2012)

Além das companheiras de trabalho, os donos das boates aparecem como grande vilões nesse espaço, e muitas críticas são feitas a sua atuação, sobretudo em relação ao seu autoritarismo e o seu papel de explorador dessas mulheres, e também porque nos casos de litígio ou de brigas entre clientes e prostitutas, geralmente os donos das boates dão razão aos primeiros.

- E devolvem o dinheiro pro cliente quando ele reclama que não gozou?

- Um dia devolveu uma vez, meu programa. E eu recebi um golpe também uma vez... De cheque. Mas isso foi tudo os donos de boate, entendeu? São os donos de boate que fazem essas bobagens com a gente. O cheque eu sei com certeza que foi dono de boate que me sacaneou. Tipo, acho que foi tudo combinado. Mas pra mim foi dono de boate que me sacaneou. (Raquel – 6/6/2012)

Os seguranças também são apontados pelas prostitutas como agressores ou omissos em casos de agressão. Muitas reclamam de sua brutalidade e as agressões não são raras. Além disso, alguns seguranças tentam, pela sua posição de poder dentro das boates, conseguir sexo gratuito com essas mulheres, ou extorquem seu dinheiro utilizando, para isso, ameaças.

Os problemas com clientes, como dissemos, não são tão comuns, e a grande maioria se referem a casos de calote (sobretudo utilizando cheques sem fundos, uma vez que o programa é pago adiantado) ou de clientes que não ficam satisfeitos com o programa, reclamando seu dinheiro de volta o que, como mostramos, é algo factível e, usualmente, os donos das boates, para evitar conflitos com esses clientes, devolvem seu dinheiro, não reembolsando a prostituta. Casos de agressão física são cada vez mais raros, uma vez que, além dos agentes masculinos presentes na boate (donos, gerentes, barmans e seguranças), há toda uma parafernália tecnológica (sobretudo nas boates mais sofisticadas) composta de câmeras, interfones, alarmes, etc. que dissuadem os possíveis agressores.

Em um trabalho publicado em 2005, Melissa Farley sustentou, contra o consenso reinante nos estudos da área, que nas ruas as prostitutas estão mais protegidas do que nas boates. Nesses contextos que estudei, a tese de Farley faz sentido, uma vez que as agressões pelas colegas é que são as mais comuns entre todas as fontes de eventos violentos.

Como dissemos, o trabalho de seleção dos clientes pelas mulheres é facilitado pela presença de segurança e porteiros, que impedem a entrada de elementos indesejados nas boates. Porém, a seleção a ser feita dentro da boate é mais complicada, uma vez que os donos desses estabelecimentos muitas vezes forçam-nas a aceitarem alguns clientes que, em situações normais, seriam rejeitados.

Não há estratégias de dissuasão entre as mulheres. Isso talvez se deva pelo fato de que o próprio ambiente e os homens que trabalham nele já dissuadem os potenciais agressores/caloteiros/etc. ao contrário dos outros espaços, onde as mulheres possuem uma postura mais fechada e firme em relação aos clientes, nas boates as mulheres são mais abertas, simpáticas e distraídas. Assim, terceirizam a tarefa de dissuasão, e confiam muito – apesar de suas críticas – na atuação dos donos, gerentes e seguranças.

No que se refere às estratégias de proteção, não há um grande desenvolvimento desse conhecimento entre as prostitutas de boate.

Uma das estratégias que pude observar nos depoimentos foi, no momento de perigo, geralmente dentro do quarto (raramente há alguma confusão no salão), gritar. Em caso de agressão ou de outros comportamentos que coloquem sua integridade física em risco, a primeira (e única) coisa que fazem essas mulheres é gritar por socorro. Rapidamente são socorridas pelos seguranças, porteiros e gerentes do local embora, como já dissemos, nem sempre esses agentes deem razão para elas.

Em relação às suas roupas de trabalho, as prostitutas de boate tomam menos cuidado que as suas colegas que trabalham nas ruas, mas observam mais esse aspecto que suas companheiras da rua dos Guaicurus. Em geral, elas evitam o uso de cintos e outros acessórios que podem ser usados pelos homens para enforcá-las.

Hoje minhas colegas falam pra não andar com cinto ou coisas na cintura, porque é perigoso ele desabotoar e apertar o pescoço da mulher. Eles matam até com calcinha. Mas foi só aqui que eu aprendi [a entrevistada era oriunda da Guaicurus]. (Larissa – 17/1/2012)

As prostitutas que trabalham nas boates também dedicam uma atenção especial às posições sexuais em seu trabalho. Assim como nos outros espaços, o que as mulheres mais temem são posições nas quais não se pode ver os movimentos do cliente. Aqui me foram citadas as posições de joelhos e de braços. Esse constitui um momento de tensão, uma vez que os movimentos e ações do homem não podem ser visualizados.

Ah, eu nunca sofri agressão nenhuma. Só algumas brutalidades mesmo. Porque tem homem que é muito cavalo na cama, né? Nunca sofri nenhum tipo de enforcamento, já, tipo assim, mas me falaram que de braços a mulher fica mais vulnerável, pode quebrar o

pescoço... me falaram que aqui isso é perigoso. [...] Mas nunca vi. Só uma vez que um cara me apertava demais, entendeu? Apertava o peito, a cintura. (Rose – 7/6/2012)

Durante minha pesquisa ouvi muitos casos de mulheres que conservavam em seus pertences pequenas armas (sobretudo facas e estiletos) para defenderem-se de seus desafetos no interior das boates. Sabendo do risco de cometerem um homicídio, várias relataram que a faca não servia para matar, mas sim para “retalhar o rosto” de suas inimigas, talvez com o objetivo de ferir sua autoestima e inflingir-lhe um prejuízo econômico.

Minhas colegas me aconselharam de ficar sempre com uma faca. Aí eu comprei uma faca depois que ela me falou. Porque as mulheres de programa, quando elas tem inveja... Você tem que se proteger. Você fica na sua, compra uma faca e fica na sua. Se alguém vier pro seu lado querendo te esfaquear, pra brigar com você, você vai e rasga a cara dela todinha. Eu nunca usei porque eu sou da paz. (Geysel – 22/9/2012)

Ao analisarmos a pouca quantidade e complexidade dos repertórios das mulheres desse espaço, podemos concluir duas coisas: primeiro, que a segurança fornecida pelos funcionários dessas casas reduz a necessidade de um grande domínio de conhecimentos de segurança. Depois, a forte rivalidade entre essas mulheres influi para que elas tentem se preservar ao máximo, evitando relatar ou ensinar seus conhecimentos às outras, reduzindo assim a transmissão desses conhecimentos.

Tendo em vista as características das boates, o domínio dos repertórios de segurança nesse meio serve muito mais para hierarquizar essas mulheres e tornar mais agudo seu conflito, do que para construir um ambiente de cooperação e solidariedade.

Como dissemos, devido a essas fortes rivalidades existentes entre as mulheres desse espaço, a transmissão de repertórios acaba ficando prejudicada, sendo usada muito mais como instrumento de autoafirmação do que de cooperação. Porém essa transmissão, embora limitada, existe e se faz presente durante o trabalho e a convivência dessas mulheres.

Como elas convivem muito mais entre si do que as mulheres de outros espaços, é natural que muitas ideias sobre o tema da segurança sejam discutidas. No fim das

contas essas prostitutas ficam muito tempo livre nas boates, durante o dia, e acabam conversando sobre uma infinidade de coisas, embora as mais espertas nunca revelem tudo o que sabem, uma vez que elas têm consciência de que estão num “ninho de cobras” e seus conhecimentos podem ser usados por suas rivais.

Assim, num ambiente onde a concorrência é um fonte de conflito, não revelar algumas táticas de segurança pode ser útil, na medida em que sua “adversária” poderá sofrer alguma agressão ou evento violento unicamente por não conhecer e colocar em prática conhecimentos de segurança mais complexos.

Porém, pelo menos entre as novatas, há um movimento claro de aprendizagem desses repertórios. O motivo não parece muito claro, mas parece que as mais experientes não consideram essas neófitas como suas concorrentes diretas e, assim, não veem risco em ensiná-las algumas de suas táticas, embora o façam com muita desconfiança.

Ah, algumas mulheres me ensinaram. A menina que me levou pra uma boate me ensinou, dono de boate também me ensinou, sentou comigo e falou “fulano é assim... já que você é nova...”, me ensinou. E a mesma coisa que eles fizeram comigo eu tento passar pra frente. Até que um dia eu quase quebrei a cara, pensei que a mulher era nova na boate e ela queria aproveitar de mim. Aí, eu fui, e fazia isso... ficava criando mulheres. Quando eu via que era novata eu fazia tudo o que me ensinavam. Ah, sobre as coisas que acontecem assim, me ensinavam a ser esperta, transar com camisinha, como são os homens doentes, cobrar o seu preço, nunca abaixar o seu preço... num cair na lábia de homem, que tem homem que... muito homem perverso. Dá de tudo, bandido, assassino... tem que tomar cuidado, com homem ciumento também, você casa depois ele vai e mata a mulher. A gente fala um monte de coisa, tudo que a gente aprendeu né? Os tipos de homens que vão lá ficar com a gente. Donos de boate... “ah, aquela boate ali tá dando dinheiro, vamos pra lá, nós duas?” a gente quer ensinar, quer o bem da outra menina. Porque eu, ninguém é melhor que eu... Então eu tento sempre ganhar o mesmo tanto... Não fico assim “ela ganhou mais, vou lá derrubar ela e pegar tudo o que ela quer”. Tem mulher que finge que é maior amiga da gente, na maior cara de pau... já aconteceu. (Mara – 30/4/2012)

Dessa forma, podemos concluir que, entre os espaços de prostituição em Belo Horizonte, as boates (independentemente de seu nível econômico) possuem uma posição intermediária em relação a frequência de eventos violentos: não é um espaço tão “pacífico” quanto os hotéis da região da Rua dos Guaicurus, nem é tão violento quanto as ruas.

Os principais agressores nesse espaço – ao contrário dos outros – são as próprias colegas de trabalho. Essa tensão e esses eventos violentos entre as mulheres nascem da complicada mistura de disputas por clientes, inveja, mexerico e convivência forçada. Esses quatro ingredientes explosivos fazem com que as mulheres aí representem a principal ameaça a elas mesmas.

Os homens que frequentam esses ambientes (gerentes, seguranças, porteiros, barmans e clientes) também representam perigo e geram muitos eventos violentos, embora não sejam citados pelas prostitutas com tanta veemência que suas colegas.

A quantidade e complexidade de repertórios é relativamente baixa. A isso deve-se a forte presença de outros agentes em seu meio e a forte confiança (às vezes não correspondida) que essas mulheres colocam nos homens que aí trabalham. Nas boates os repertórios de segurança servem para defender-se de agentes externos (clientes), mas também de agressões que partem de dentro da boate (colegas, gerentes, etc).

A transmissão desses repertórios é muito prejudicada pela forte animosidade presente entre essas mulheres. Por outro lado, devemos registrar que há uma transmissão acontecendo, mas não entre prostitutas experientes, mas entre experientes e novatas, uma vez que essas últimas são bem vistas (pelo menos durante um tempo) pelas primeiras.

Anexo I: Principais eventos violentos e repertórios de segurança presentes nas boates.

Estratégias de seleção (visam prevenir os eventos violentos à direita)	Eventos violentos (se a seleção falha)	Repertórios
<ul style="list-style-type: none"> • Quase todas as tarefas de seleção são relegadas aos seguranças, gerentes e porteiros; • Em geral as mulheres recusam: • <i>Homens com precária higiene pessoal;</i> • <i>Homens que aparentam estarem doentes.</i> <p>Obs: Muitas vezes as estratégias de seleção das mulheres são desconsideradas pelos donos e gerentes, que as impõem clientes “rejeitáveis”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Calote</u> (sobretudo realizado através de cheques sem fundos passados por clientes. Os donos das boates não arcam com esse prejuízo); • <u>Agressão física:</u> • <i>Causada por clientes violentos (raro);</i> • <i>Causada por funcionários das boates (seguranças, gerentes) (pouco comum);</i> • <i>Causada por colegas de trabalho (comum).</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Dissuasão</u> é terceirizada (funcionários da boate e aparato de segurança); • <u>Proteção:</u> • <i>Gritar (para chamar funcionários);</i> • <i>Atenção às roupas usadas no trabalho;</i> • <i>Atenção à determinadas posições sexuais;</i> • <i>Armas (sobretudo facas, para se defender de colegas).</i> • <u>Evasão:</u> não há.

Prostituição nas Ruas

Caracterização do espaço

Caracterização dos programas

Eventos violentos mais recorrentes

Caracterização de repertórios

Transmissão de repertórios

Comparadas aos outros espaços de prostituição aqui apresentados, as ruas de Belo Horizonte parecem ser os lugares mais perigosos para a atividade prostitucional. É grande a tensão nesses locais e há uma grande diversificação e frequência de eventos violentos.

A prostituição nas ruas é bastante comum na cidade. Há várias regiões que concentram prostitutas, sendo a mais famosa delas um longo trecho da Avenida Afonso Pena. Além dessa avenida, encontramos prostitutas trabalhando nas ruas (sempre com a forte presença de travestis) na Avenida Pedro II, no bairro Santa Branca, em Venda Nova, em alguns trechos do Anel Rodoviário, nas saídas para o Rio de Janeiro e para Vitória, entre outros espaços menos conhecidos, como a praça da Rodoviária (praça Rio Branco).

A região da praça da Rodoviária é um espaço *sui generis* no contexto dos diversos espaços de prostituição de rua, e por isso vale um pequeno parêntese.

Essa praça assiste a um curioso tipo de prostituição, uma vez que as mulheres que aí fazem ponto não correspondem de maneira nenhuma a um estereótipo de prostituta: são senhoras – em sua maioria – já idosas, com roupas muito conservadoras, que passam despercebidas a olhos menos treinados, uma vez que também possuem uma postura corporal muito diferente das prostitutas que trabalham nas ruas (ficam sentadas, e não encaram os clientes). Dessa forma não chocam a comunidade mais próxima (que também é muito degradada), tornando-se invisíveis, e menos suscetíveis a animosidades com a vizinhança, ao contrário das outras regiões, que chocam os habitantes de suas adjacências.

A prostituta que ouvi e que trabalhou nesta região afirmou que gostava de “fazer ponto” aí por não ser diretamente identificada como prostituta, uma vez que sua idade, suas roupas e o fato de estar sentada dava a impressão de que estava somente descansando. Os clientes também costumam ficar sentados em pequenos grupos, lendo jornal e conversando, o que também dificulta sua identificação. Quando abordadas, em geral elas negociam o preço e seguem para algum motel nas adjacências. O fato de não

terem horário fixo e nem pagarem pelo ponto foi citado como vantagem do trabalho na região. A desvantagem principal foi a violência, sobretudo relacionada ao consumo de drogas pelos clientes.

Em todos os espaços de prostituição de rua (com exceção da Praça Rio Branco / Praça da Rodoviária), as prostitutas tem que disputar seu lugar com os travestis, muito numerosos nessas áreas. Muitas vezes esse convívio dá lugar a fortes conflitos, inclusive gerando muitos eventos violentos, devido às disputas por colocação nas calçadas, roubos e agressões.

As prostitutas que trabalham nas ruas formam um grupo muito heterogêneo. É possível encontrar mulheres de todas as idades, de todas as origens, de todos os preços. O que as une aí é o seu desejo de trabalhar com mais liberdade.

Segundo Freitas (1985), essas mulheres se sentem menos segregadas, por estarem mais próximas às “pessoas comuns”. Por outro lado, Garaizabal (2004) afirma que as prostitutas que trabalham nas ruas são mais estigmatizadas, exatamente por estarem compartilhando espaços públicos, o que as impede de serem ignoradas pela sociedade. A prostituição é comumente vista como algo ruim para um bairro ou região, uma atividade que traz violência, tráfico e consumo de drogas. As prostitutas que trabalham na avenida Afonso Pena, em alguns trechos considerada área nobre, sofrem com essa visão, e seus moradores e comerciantes já ensaiaram ofensivas contra seu trabalho algumas vezes.

Na Avenida Afonso Pena as mulheres e travestis ficam paradas, geralmente sozinhas, e às vezes em duplas, e são sempre abordadas por clientes de carro. Ali, os espaços dos dois grupos não se misturam: mulheres ficam à direita na avenida (na mão de quem vai sentido centro-bairro) e travestis à esquerda.

Além dos travestis, as mulheres que se prostituem nas ruas devem compartilhar seu espaço com uma miríade de homens que ocupam também esse espaço.

Salvo os clientes, os mais numerosos, podemos encontrar pequenos proxenetas (muitas vezes chamados de namorados ou irmãos), namorados, pequenos traficantes, alguns marginais que realizam pequenos roubos, toxicômanos, comerciantes, “boyzinhos” e policiais. A relação das prostitutas com esses grupos tenta se pautar pela diplomacia, o que nem sempre é possível.

Ao contrário das boates e hotéis, onde os homens – excetuando-se os clientes – em geral representam uma garantia de segurança, nas ruas eles são considerados (justificadamente) como potenciais agressores. Os pequenos proxenetas, namorados e

“irmãos” (muitas vezes homens que cobram por segurança) são citados em eventos violentos. Em geral, quando a situação evolui para risco iminente ou agressão e roubo, eles abandonam a mulher por sua própria sorte. Muitos, além de não prestarem o apoio necessário, são acusados de achaque e extorsão, ao pressionarem as mulheres por dinheiro ou por devolver somente uma parte do dinheiro que guardam para elas (como detalharemos mais adiante).

Os pequenos traficantes e marginais que povoam as ruas à noite também são apontados como fonte de agressões. Muitos aproveitam momentos em que as mulheres estão sozinhas, principalmente no fim do expediente para roubá-las ou, no caso dos traficantes, para cobrá-las, do que elas devem ou do que não devem.

Os “noias”, toxicômanos que às vezes vagam pela região, também são acusados pelas mulheres de furto, sobretudo. Muitos possuem relações afetivas ou de amizade com as mulheres da região, o que dificulta sua expulsão pelas outras. Em geral, são fornecidos pelos mesmos traficantes que fornecem drogas às prostitutas e travestis e, em certos momentos, fazem eles também o papel de traficantes.

Os “boyzinhos”, como detalharemos adiante, são rapazes que agridem gratuitamente as mulheres da avenida, já na alta madrugada, quando saem das festas na zona sul. A polícia também não possui muito crédito com as mulheres, uma vez que dificilmente se propõem resolver os problemas ocorridos nas ruas.

A negociação é realizada com a mulher fora do carro, e se ela entra nele, é sinal de que “tudo” já foi combinado. Geralmente se encaminham para algumas ruas adjacentes, onde são realizados programas rápidos, geralmente consistindo de sexo oral. Ou os programas podem ser feitos em motéis, também não muito distantes. O trecho mais frequentado pelas prostitutas e travestis vai do cruzamento da Avenida Afonso Pena com Getúlio Vargas até a Praça da Bandeira. A Afonso Pena é uma longa avenida em aclave, e corta a cidade desde o centro até algumas ricas regiões da zona sul. Aí, as mulheres negociam seus programas do lado direito de quem sobe (no sentido centro-bairro), e os travestis ficam do lado oposto.

Em geral as prostitutas da Afonso Pena são jovens e bonitas, o que contrasta com a heterogeneidade da região da Guaicurus ou das boates. A maioria usa roupas muito decotadas e justas mas, algumas se vestem de maneira bastante comum. As variações de preços (entre mulheres) são pequenas, se considerarmos o “programa padrão”, que pode ser de R\$ 50,00 (no carro) aproximadamente e R\$100,00 no motel.

Se considerarmos programas que envolvem outras práticas (como fantasias sexuais) os preços podem variar grandemente, e há uma certa “especialização” nesse sentido.

Há muitas mulheres que fazem programas mais complexos, tais como a realização de fantasias sexuais. Há uma tendência ao agrupamento dessas mulheres em alguns lugares (como as imediações do quartel do Corpo de Bombeiros) e as outras, que não realizam esse tipo de programa em geral indicam aos interessados onde podem ser encontradas essas profissionais.

Parece haver uma organização das colocações de cada mulher na calçada, embora esses lugares não sejam muito fixos. Em geral as mulheres se movimentam um pouco entre os lugares em que geralmente ficam, buscando lugares mais escuros ou mais iluminados (dependendo da necessidade), ou regiões consideradas mais seguras, como a proximidade de delegacias, quartéis e viaturas de polícia, além de locais onde seja possível se assentar e gozar de alguma proteção contra intempéries (tais como pontos de ônibus). Apesar dessas movimentações, as mulheres procuram manter certa distância umas das outras.

O horário em que as prostitutas trabalham nas ruas varia muito. Na Avenida Afonso Pena, por exemplo, a partir das 19h30 já é possível encontrar mulheres nas ruas. Mas a grande maioria chega mais tarde, por volta das 21h. Os travestis costumam chegar mais tarde ainda, já perto da meia-noite. O momento de maior movimento é depois desse horário. Há uma forte circulação de carros madrugada adentro. Muitas mulheres começam a deixar as ruas já a partir de 1h ou 2h da manhã. Perto do amanhecer já não há quase nenhuma mulher, restando ainda muitos travestis e algumas prostitutas “noiadas” (nome pelo qual são chamadas as toxicômanas). Esse fim de noite é considerado o momento mais perigoso para se trabalhar, porque geralmente os clientes estão bêbados e há poucas mulheres na rua. Por segurança, a maioria das mulheres procura ir embora mais cedo.

- Qual é o seu horário de trabalho?
- Sempre foi de 19h até 0h.
- E depois da meia noite?
- Eu vou embora. Eu não fico na madrugada... Nunca gostei...
- Por que você não gosta da madrugada? Porque às vezes eu passo 4h da manhã e tem gente lá...
- Tem... Inclusive até as seis da manhã as meninas ficam... Eu gosto de fazer o meu horário e este sempre foi meu horário. Questão também da queda de energia: depois de

seis clientes, diminui um pouco... [a energia]. Entendeu? E tem outra questão: de madrugada rola muita coisa, drogas, cliente bêbado saindo de boate e eu tomo muito cuidado com esse tipo de coisa... (Daiane – 6/9/2012)

Todos os dias foi possível observá-las, mas nas quintas e sextas a frequência era maior. Nos sábados, apesar do movimento grande nas casas de shows, bares, restaurantes e boates, o movimento não é tão intenso. As prostitutas atribuem essa queda aos clientes casados, que utilizam os sábados para sair com suas famílias e aproveitam os dias de semana para fazerem programas.

Na região da Avenida Afonso Pena, os clientes abordam as prostitutas obrigatoriamente de carro. Durante o período em que estive aí, não pude observar nenhum cliente a pé. Em geral, os clientes sobem a avenida lentamente (os *habitués* com faróis abaixados para não ofuscar as mulheres). Aqueles que preferem os travestis sobem a avenida rapidamente para, no fim dela, retornarem seus automóveis e descerem lentamente, observando os transsexuais. Mas a prática é a mesma para mulheres e travestis: ao escolherem o que lhes agrada, o cliente para o carro e a prostituta chega perto, ou debruça-se na janela do automóvel para realizar a negociação. Se a mulher entra no carro, o acordo está feito.

Todos os clientes precisam entrar no esquema de escolha/negociação/programa. Apesar de ser um processo mais simples do que nas boates, esse esquema é muito mais complicado do que nos hotéis da Guaicurus. Às vezes um cliente pode rodar por horas, até encontrar uma mulher que lhe agrade e conseguir negociar com ela.

A primeira etapa do processo de conquista do cliente é a escolha que esse faz. Para isso são necessárias técnicas para chamar sua atenção e seduzi-lo.

Fazer-se reconhecer como prostituta aí nessa região é relativamente fácil. Às vezes pode ser que o inverso é que seja difícil, uma vez que a região é muito conhecida como área de prostituição. O simples fato de estar parada, de pé, a partir do momento que essa espera se situa num lugar ligado a prostituição já pode constituir um gesto que anuncia uma relação prostitucional para os clientes e para as outras mulheres da região.

As roupas das mulheres da Afonso Pena podem não corresponder sempre ao estereótipo das minissaias, decotes e saltos altos. Embora grande parte das prostitutas esteja precária e ousadamente vestida, muitas outras se vestem de maneira absolutamente normal, com jeans e tênis. Essas acabam causando certa confusão, pois

poderiam tratar-se simplesmente de moças que esperam alguém ou o ônibus. Dessa forma, os clientes as interpelam simplesmente passando lentamente e parando o carro. Muitos não as chamam, esperando que elas se aproximem.

Do outro lado da avenida os travestis fizeram das suas roupas uma marca de seu grupo. Estão sempre muito bem maquiadas, e com roupas muito elegantes, apesar de cobrirem seu corpo precariamente. Há muitos casacos chiques e sapatos e botas de salto realmente complexos. Quanto à postura corporal, os travestis são muito mais ousados que as mulheres, e exibem seus seios, nádegas e pênis aos carros daqueles clientes que demonstram interesse.

A maioria das pessoas que se prostituí nas ruas podem ser reconhecidas por suas roupas, que fazem parte do trabalho e da cena. Isso, porém, pode trazer problemas em seu cotidiano (filhos, vizinhança). Dessa forma, sem um lugar fixo de trabalho onde possam se trocar, os banheiros de lanchonetes e bares, ou mesmo a rua, podem servir como ambiente de sua transformação. Não vi mulheres chegarem à avenida já vestidas para o trabalho. Muitas se vestiam e se maquiavam em bares próximos, em ruas escuras adjacentes ou conseguiam dissimular suas roupas no caminho para o trabalho (tal como dobrar a saia, fazendo com que ela se torne uma minissaia).

Assim, a escolha das roupas e seu uso variam entre as mulheres. As que preferem vestir-se de uma maneira mais “ortodoxa” o fazem por praticidade, mas reconhecem a necessidade de se destacar entre as outras mulheres:

Eu tenho amigas que você não diz nunca que são prostitutas. Durante o dia elas são normais, a noite elas fazem uma produção para trabalhar, mas elas não chegam nunca aqui já produzidas, elas se trocam aqui. Durante o dia os vizinhos não podem saber o que elas fazem! Eu mesma presto atenção. Se eu vou trabalhar e uso roupa curta, as vezes coloco outra por cima, ou já venho de roupa normal mesmo e me troco aqui. Mas eu não pego nunca um ônibus decotada ou de minissaia. Mas eu também não posso passar despercebida aqui né? Tenho que me destacar, me maquiar bem e colocar uma roupa bem curtinha, senão não ganha dinheiro. (Nataly – 3/10/2012)

A postura corporal das prostitutas nas ruas também chama a atenção. Apoiadas nos carros, ou encostadas nos muros, com uma perna dobrada (posição que poderíamos considerar natural, mas que representa uma tática de proteção, não permitindo que alguém as ataque por trás e deixando uma perna livre para reagir ou correr), ou de pé na sarjeta, com uma perna sobre o passeio, ou ainda sentadas em pontos de ônibus ou nas muretas e portas do comércio.

Em todos os casos, o olhar dessas mulheres está sempre voltado para a rua, para cruzar com os olhares dos motoristas que passam. Todas procuram cruzar seu olhar com o do cliente, para deixar claro (e aí suas roupas – provocantes ou não – já não possuem tanta importância) a sua condição, incentivando a parada de clientes mais hesitantes.

Se esses param, acontece a negociação.

A interpretação dos indícios sobre a identidade do prostituído não acontece da mesma forma entre mulheres e travestis. No momento da negociação, onde a pessoa prostituída se apoia na janela do carro, pode ser para os últimos um momento crucial no qual podem se encontrar facilmente diante da cólera de um homem enganado (sobretudo não *habitués* da região).

Dois estratégias são possíveis: há alguns travestis que preferem, antes de tudo, anunciar sua condição, deixando claro que as mulheres estão em outro lugar. Há outros que não o dizem e alguns, por sua impressionante semelhança com as mulheres, podem enganar alguns homens. Esses clientes só descobrem a realidade no momento do programa. Aí, decidem se o farão ou não, embora, independentemente de sua decisão, serão severamente cobrados pelos travestis, sob a ameaça de escândalo ou de agressão.

De modo geral, um grande número de negociações não são concluídas, e muitos carros param diante de uma mulher até que ela consiga realizar um programa. Pode ser que os dois não tenham chegado a um acordo sobre preços, práticas, tempo e a obrigatoriedade do preservativo (muitos clientes procuram prostitutas para fazerem programas sem preservativos). A negociação pode não ser concluída também se a prostituta não gostou do cliente ou o considerou perigoso (dentro de seu repertório de seleção).

Muitas vezes o cliente vai embora porque não gostou do preço ou da obrigatoriedade do preservativo. Esses motivos podem ter consequências graves: se o cliente segue seu caminho e mais adiante pára diante de uma outra prostituta, negocia e leva-a em seu carro, pode ser fácil para as outras deduzirem que aquela derruba os

preços (que são mais ou menos tabelados) ou aceita fazer programas sem preservativo, prejudicando todas as outras. Isso pode ser verdade ou pode ser que o cliente simplesmente mudou de ideia durante o caminho, ou essa última mulher lhe agradou mais. De toda forma, nesse caso, as prostitutas que deduziram que sua colega pratica concorrência desleal partem rapidamente para a agressão física, e expulsam-na do local.

Se a negociação é concluída e ambas as partes estão satisfeitas a respeito do que será feito e do preço que isso terá, a mulher entra no carro. O fato de entrar no automóvel é um momento fortemente simbólico e prático: a partir daí, o programa já está acontecendo e o cliente já terá que pagar, independentemente do que acontecerá. Enquanto a negociação não é concluída e as mulheres não têm certeza de que o cliente possui dinheiro para lhes pagar, elas jamais entram nos carros.

Os programas mais difundidos na região da Avenida Afonso Pena não são tão complexos quanto os programas feitos nas boates, mas também não são tão simples quanto os dos hotéis da Guaicurus.

O uso de preservativos é largamente propagado na região da Afonso Pena, embora existam algumas poucas mulheres que fazem programas sem preservativo. Mas se o fazem, guardam isso como segredo impenetrável diante de suas colegas, sob a condição de serem expulsas do lugar. Muitas que aceitam fazer programas sem preservativos o fazem porque são muito bem remuneradas para isso, ou porque precisam urgentemente de dinheiro, como é o caso das toxicômanas. Mas, via de regra, o uso de preservativos é praxe na avenida.

Os preços variam de acordo com as práticas e o tempo dos programas, mas não variam muito entre as mulheres. Pode ser que exista alguma pechincha entre cliente e prostituta, dentro do carro ou do quarto, mas isso não pode ser revelado para as outras, sobretudo se a mulher abaixa demais os preços, “quebrando” suas colegas. Esse caso é comum entre as viciadas, que fazem programas por preços irrisórios, sobretudo quando estão na “noia”.

O programa mais comum é feito no carro. Em geral, trata-se somente de sexo oral, ou sexo vaginal muito rápido, com o veículo estacionado numa rua adjacente. Esse programa é barato, raramente ultrapassando cinquenta reais, mas as mulheres o preferem porque podem dispensar o cliente rapidamente e voltar à rua, na esperança de outro programa rápido ou de algum cliente que demande algo mais complexo, e mais bem remunerado.

O sexo nos carros pode trazer uma série de problemas para as mulheres, sobretudo em relação às agressões cometidas por clientes, onde a prostituta encontra-se num lugar ermo e sem poder contar com o apoio das outras. Há também problemas com a polícia, uma vez que essa prática constitui atentado violento ao pudor, podendo, dependendo do humor do policial, levar os dois à delegacia.

- Na rua, tem a questão de policiamento de atentado violento ao pudor... Às vezes a gente até quebra, mas a questão é que a gente fica mais preocupado com a segurança, então a gente prefere o drive-in.... Ou então um motel mais perto.

- Mas eu vejo que tem muita gente que ainda faz programa na rua...

- É... As vezes [é porque] anda mais rápido... Realmente programa no carro é de dez a quinze minutos, né? No máximo... Então é mais fácil você ir e já está voltando pra outro cliente do que ficar indo e voltando de motel...

(Ana Paula – 23/10/2012)

O programa completo (sexo oral, vaginal em varias posições, com preservativo e tempo um pouco mais longo) também é comum na Afonso Pena, embora, nesse caso, as mulheres prefiram fazê-lo em motéis ou *drive-ins* da região. Esse programa custa, no mínimo, cem reais, fora as despesas com o motel. Aí nesses locais, elas têm mais tranquilidade para trabalhar, uma vez que podem contar com o apoio dos seguranças e da parafernália de segurança desses locais, além de não serem incomodadas pela polícia.

O sexo anal já não é tão raro, e muitas mulheres o fazem, embora algumas o rejeitem, apesar de ser uma prática bem remunerada. Assim, essa prática pode entrar no “programa completo”, com um bom complemento na remuneração. O sexo anal é sempre feito em motéis e *drive-ins*, uma vez que se mostra uma prática mais complexa.

As fantasias sexuais também estão presentes no trabalho das mulheres na rua. Há mulheres que se especializaram nisso. Essas prostitutas são conhecidas por suas colegas, que sempre as enviam os clientes interessados. Entre as práticas sexuais diferentes que elas realizam, estão o sadomasoquismo e a inversão de papéis. O *ménage* com dois clientes não é realizado por falta de segurança.

Por se tratar de um espaço onde os programas se realizam em locais afastados ou em motéis e *drive-ins*, e também por ser um espaço onde grande parte do trabalho

prostitucional é realizado individualmente, sem a presença de terceiros que possam garantir a segurança das mulheres, a quantidade de eventos violentos é grande.

O mais citado entre todos os eventos é a agressão física. As prostitutas que trabalham nas ruas sofrem agressões de diversos agentes de seu meio: colegas, traficantes, clientes, não-clientes, criminosos, usuários de drogas e policiais. A maioria dos casos aponta o cliente como principal agressor, seguido das outras prostitutas, e de não clientes (como os “boyzinhos” que agredem gratuitamente essas mulheres), traficantes e “noias” (usuários de drogas).

Em relação aos clientes temos uma ideia clara sobre o que motiva as agressões. Na grande maioria das vezes elas acontecem devido à quebra de combinados estabelecidos na negociação. Muitos clientes querem ficar mais tempo, pagar menos (ou não pagar) ou receber de volta seu dinheiro caso não fiquem sexualmente satisfeitos com o resultado do programa. Então se aproveitam de sua força e da vulnerabilidade das mulheres para agredi-las e, assim, conseguirem o que querem. Há casos de clientes que chegam inclusive a estuprá-las, muitas vezes sem usarem preservativos, mas isso é raro.

Já as prostitutas se agredem sobretudo devido a disputas por colocação nas calçadas ou por clientes. Muitas são consideradas como concorrentes desleais, fazendo programas sem preservativos ou quebrando a tabela informal de preços estabelecida coletivamente pelas mulheres. Além disso, algumas novatas são agredidas, por suas colegas e por travestis, por não saberem direito qual é o seu lugar nas calçadas (às novatas são reservados os piores locais).

Homens envolvidos com o tráfico de drogas podem também agredir essas mulheres. Muitas vezes essas agressões ocorrem porque muitas prostitutas, usuárias de drogas, devem dinheiro a esses traficantes. Às vezes os “noias” (usuários de drogas) agredem as mulheres na tentativa de roubarem seu dinheiro.

São ainda relatados muitos casos de agressões gratuitas, realizadas por “boyzinhos” que passam em seus carros pela avenida, bêbados, na alta madrugada, agredindo as mulheres com xingamentos, ovos, lixo, latas de cerveja e pó de extintor de incêndio.

Podemos dizer que há uma subdeclaração dessas agressões, uma vez que a banalização da violência é marcante nas ruas e o tempo de recuperação depois de um episódio violento é extremamente curto. Em outras palavras, a frequência com que as prostitutas das ruas são agredidas parece ser muito maior do que elas relatam. Em outros espaços, como a região da Guaicurus, por exemplo, eventos muito menos importantes

na rua, como o calote, são relatados com muita gravidade e podem gerar conflitos. Nas ruas, muito pouca importância é dada pelas mulheres a esses eventos.

Além disso, a relação com a autoridade policial é frequentemente complexa, fazendo com que as mulheres raramente deem queixa das agressões sofridas ou mesmo deixam de apelar para o apoio (mesmo que informal) da polícia.

Outro evento frequente, e que normalmente leva a agressões físicas é o calote. Por não poderem contar com uma rede de apoio mais ou menos organizada como nos outros espaços, essas mulheres estão muito suscetíveis a esse evento. Muitos homens fazem os programas e simplesmente se recusam a pagar. Num ambiente como o carro do cliente, numa rua escura e deserta, muitas mulheres acabam desistindo de receber seu dinheiro. Há também clientes que não pagam e ainda batem nas mulheres e clientes que pagam o programa adiantado, para depois roubar todo o dinheiro que a mulher tenha consigo.

O roubo também aparece com frequência nos depoimentos dessas mulheres. Além dos clientes, com os quais o roubo é comum, as prostitutas que trabalham nas ruas também estão vulneráveis a outros agentes que podem roubá-las: suas colegas e marginais que frequentam os mesmos locais. Esses marginais, em geral, estão envolvidos com o tráfico de drogas ou cometem pequenos roubos para sustentar seus vícios, e veem na vulnerabilidade das mulheres que trabalham nas ruas uma boa oportunidade de sucesso em seu negócio.

Os policiais não agredem e nem roubam mais essas mulheres. Pelo menos não com a frequência com que isso acontecia há muito tempo. Não ouvi relatos de casos de achanque e extorsão por parte da polícia. Por outro lado, a atuação dos policiais continua longe de ser ideal. Muitas vezes a polícia se recusa a atender as chamadas das mulheres da região, desprezando-as como barraqueiras e ladras. Muitas vezes é necessário chamar várias viaturas antes que apareça nelas algum policial disposto a resolver o problema dessas mulheres.

Essa questão de ocorrência tá sendo um problema sério. Às vezes, quem já nos conhece, pela amizade, sim, mas se falar [que são prostitutas que chamam], porque nossa profissão não é legislada, a gente não tem esse poder. Está um problema essas questões. A gente chama a polícia. Se é daqueles policiais que não tem conversa, a gente vê nossos direitos. A partir do momento que eu não gostei, a gente observa, faz uma segunda ligação e fala “essa viatura não foi [satisfatória]...” A gente chama outra viatura. (Camila – 31/10/2012)

Por causa do grande numero de eventos violentos nas ruas e pela falta de apoio de outras pessoas (seguranças, polícia, etc.), as prostitutas desenvolveram um extenso repertório de segurança. Ao contrário das boates e hotéis da Guaicurus, nas ruas as mulheres não podem contar com a ajuda de quase ninguém (só delas mesmas e de alguns pequenos proxenetas da região, que pouco ajudam) e tornam-se completamente responsáveis pela sua segurança.

As estratégias de seleção são bastante desenvolvidas entre as prostitutas da rua, uma vez que, diferentemente de suas colegas dos hotéis e boates, elas não podem terceirizar a seleção de seus clientes: esse é um trabalho exclusivamente delas. A primeira das táticas de seleção de clientes está na escolha do horário de trabalho. De acordo com essas mulheres, clientes mais confiáveis e *habitués* frequentam o local mais cedo. Segundo o depoimento delas, isso deve-se ao fato de que são pessoas decentes, com família e trabalho no dia seguinte cedo, e portanto não podem ficar flanando na madrugada. Além disso, o consumo de álcool e drogas é menos evidente nas primeiras horas da noite. Muitas prostitutas vão embora da avenida no início da madrugada, considerando perigosos os clientes e as colegas que frequentam o local mais tarde.

Geralmente [mais cedo] são pessoas mais confiáveis... Os que vão mais tarde geram muitos problemas... Bagunça, briga, roubo... A questão do cara tá usando droga... Esses que usam drogas pagam até bem, só que tem um negocio: a crise de overdose que eu vou ter com ele vai ser mal... Então eu não gosto... (Daiane – 6/9/2012)

Uma vez que negociam na janela do carro, há uma série de informações valiosas para essas mulheres escolherem ou eliminarem seus clientes. Uma delas é se ele é um *habitué*. Para as prostitutas da rua, trabalhar com homens já acostumados a utilizar o comercio sexual torna tudo mais fácil, além de reduzir riscos, uma vez que esses clientes já são razoavelmente conhecidos na região. Obviamente, fazer um programa com um cliente veterano nas ruas não garante a segurança total mas, se ele frequenta há algum tempo a região e não tem fama de violento ou caloteiro (as mulheres espalham essas informações entre si rapidamente), é um bom indicio de boa-índole.

Outra informação, facilmente detectável (pelo cheiro e pelo comportamento), é se o homem está sob efeito de drogas ou álcool. Sob o efeito dessas substâncias é provável que ele se torne um cliente violento, além de aumentar as chances do programa

não terminar com a satisfação sexual do homem, fazendo com que ele queria, por exemplo, um tempo maior ou a devolução do seu dinheiro.

Ah, selecionar, eu observo [primeiramente] quem tá bêbado e quem tá drogado, é fácil, você vê pelos olhos. Rejeitar, é preconceito, então a gente às vezes da uma desculpa, fala que tá aguardando outra pessoa... Que eu não me identifiquei com ele, então pra não magoar, a gente dá uma desculpa. (Claudiane – 7/10/2012)

A recusa aos programas com dois ou mais clientes também é uma eficaz estratégia de seleção. Muitas vezes as prostitutas das ruas – ao contrario de suas colegas de outros espaços – não fazem *ménage* nem com conhecidos, uma vez que não podem contar com nenhuma estrutura ou com o apoio de colegas e seguranças (apesar de citarem a presença de seguranças nos motéis e drive-ins, nem sempre se pode contar com esses elementos).

Muitas prostitutas evocam a intuição como uma tática de seleção de clientes. De acordo com essas mulheres, elas *sentem* um perigo ou *sentem* que a pessoa não é confiável, através do olhar ou antes mesmo da aproximação no carro. Essa intuição parece gerar tipos ideais perigosos, montados sobre experiências traumáticas anteriores. Em todos esses casos, as prostitutas nunca deixam claro para os clientes que os estão recusando, e sempre dão algumas desculpas para evitar maiores confusões.

As estratégias de dissuasão baseiam-se na ameaça e na possibilidade do escândalo. Muitas evitam brigas, roubos e agressões através da ameaça de escândalo: prometem que gritarão, que chamarão a polícia e que colocarão o nome do agressor entre a “lista negra” de clientes problemáticos da avenida (Essa lista existe informalmente). Geralmente essas ameaças surtem efeito. Senão, o escândalo feito (gritaria, quebram o carro do cliente, arrancam as chaves da ignição, chamam outras prostitutas para agredi-lo) também gera bons resultados.

Para que seja possível evadir-se em momentos de tensão e de agressão real, as prostitutas tomam cuidado especial com suas roupas. Em geral negam-se a despir-se completamente, sobretudo quando estão fazendo programas dentro dos carros, para que uma fuga rápida seja possível. Além disso, apesar de usarem longos saltos, seus sapatos sempre estão muito bem fixados a seus pés.

Ao entrarem nos automóveis dos clientes, as mulheres procuram sempre ficarem no banco da frente, sobretudo se o carro tiver somente duas portas. Além disso,

procuram, no momento em que entram no carro, entender como é o sistema de abertura das portas, além de deixá-las sempre destrancadas e abrirem o vidro, para que também possam gritar, em caso de emergências.

- Em algum momento você já precisou fugir?

- Já, de dois carros. Primeira vez o cliente me parou, eu ia sair com ele, mas ele tava drogado, quis roubar minha bolsa, eu puxei e eu quase matei ele. A segunda vez foi um menino que eu queria ir pra um lugar e eu queria ir para o outro. Ele tava, no meu ver... Ai eu puxei o freio de mão, aproveitei que o sinal fechou, tinha um carro na frente, e descii imediatamente. Por que? Ele não me aparentou ser confiável [...] Se você tá falando “y” e ele tá falando “x”, você pode saber que não é uma boa pessoa.

(Júlia – 28/10/2012)

As estratégias de proteção são as mais numerosas. Isso nos mostra o quanto são frequentes as agressões sofridas por essas mulheres, e o quanto podem ser ineficazes os seus mecanismos de prevenção de situações de risco. Esses mecanismos tornam-se ineficazes porque não há muitos homens (proxenetas, seguranças, policiais) para garantir sua proteção e porque muitas vezes as disputas, fofocas e indiferença reinantes entre essas mulheres minam a cooperação e a transmissão de informações entre elas.

Apesar de muitas vezes não cooperarem entre si, uma das formas mais comuns de proteção é o trabalho em duplas. Em toda avenida podemos ver muitas mulheres em duplas. Essas duplas são muito úteis porque uma das duas pode ficar com o dinheiro da outra enquanto ela faz o programa, evitando roubos. Além disso, as prostitutas destacam a importância de que alguém saiba que estão saindo naquele momento com um cliente. Dessa forma, em caso de demora excessiva, elas podem tomar alguma providência, como, por exemplo, chamar a polícia. Por fim, muitas vezes, se o programa é feito no carro, uma das mulheres pode ficar de longe, observando o veículo, servindo de testemunha para qualquer problema que aconteça ali. Muitas vezes, mesmo não trabalhando em dupla com alguém, as mulheres ressaltam para o cliente que estão acompanhadas, o que, de acordo com elas, diminui os riscos de agressão.

O fato de exigirem o pagamento adiantado e de não carregarem o próprio dinheiro pode ser considerado como uma estratégia de proteção. Dessa forma, elas evitam o roubo, mas precisam de alguém de confiança (que pode ser uma colega ou algum “namorado”) que fique com o dinheiro. Há algumas, mais individualistas que

escondem o dinheiro em algum lugar da rua ou dentro das roupas, mas essa tática pode falhar, sobretudo se estão sendo observadas por outras pessoas.

As mulheres que se prostituem nas ruas prestam muita atenção ao comportamento do cliente no momento do programa. O tempo todo estão observando suas reações e suas mãos. Em geral, as mulheres evitam que as mãos do cliente passem em volta de seu pescoço, além de terem especial atenção ao momento em que fazem sexo oral (nos carros ou motéis), uma vez que seu campo de visão fica diminuído e sua posição corporal faz com que se sintam mais vulneráveis.

Outro ponto interessante é que, apesar de não possuírem uma rede de homens minimamente organizada para prover sua proteção, como suas colegas de outros espaços, elas utilizam-se da proteção fornecida por seguranças de motéis e *drive-ins*. Além dos aparelhos de segurança que esses estabelecimentos possuem (câmeras, portões, interfones), elas contam com a ajuda (nem sempre eficaz) dos profissionais desses locais para ajudá-las em momentos de emergência.

Lá a gente pode contar com os seguranças, até porque lá dentro é responsabilidade do motel, qualquer coisa que venha a acontecer... Isso ai não é só para garotas de programa, mas também para os outros clientes. Porque não somos só nós que frequentamos os motéis, são outros casais... Já têm pessoas que sabem como é... Sabe que lá é filmado...

(Renata – 21/10/2012)

A atenção às roupas de trabalho, além de garantir uma fuga segura, é parte importante também de seu repertório de proteção. Há uma preocupação grande em evitar acessórios que podem ser usados como armas pelos agressores. Dessa forma, foram banidos cintos, lenços, brincos de argolas e outros objetos que podem ser passíveis de ser utilizados contra essas mulheres. Claro que os agressores possuem uma criatividade grande, usando os mais diversos objetos para agredi-las, tais como minissaias, tamancos e roupas de baixo.

Apesar de possuírem uma grande diversificação de programas, o que inclui a realização de programas mais complexos, tais como o sexo anal e a realização de fantasias sexuais, em geral as prostitutas evitam – se possível – a posição “de joelhos”, assim como suas colegas de outros espaços. Muitas vezes não é possível evitar a realização dessa posição, e isso constitui um momento de tensão e redobrada atenção

por parte das mulheres mas, se o programa for mais simples, mais rápido ou acontecer no carro do cliente, essa prática é veementemente recusada.

- Você considera que existem algumas posições sexuais que são “mais arriscadas” de fazer com o cliente?

- Tem. Com certeza. A pessoa, por exemplo, a posição de quatro. Se for um cliente mal-intencionado pode furar a ponta da camisinha como pode tirar e você não percebe. Então você tem que ter uma certa malícia. Ai você tem que ficar atenta nessa questão. (Renata – 21/10/2012)

O uso de armas é veementemente negado. De fato, não pude observar e ouvir relatos sobre armas de fogo nem facas, navalhas e estiletes, essas últimas sendo, por vezes, citadas em alguns outros espaços. Mas há um leque de objetos que as mulheres carregam com o objetivo de transformá-los em armas, tais como canetas, sapatos de salto e sprays de pimenta.

- Você carrega ou já carregou em algum momento algum tipo de arma?

- Não. Porque arma branca dá cadeia. Nos não mexemos com isso. As travestis sim. Carregam por segurança. Eu não, até porque eu tenho uma defesa pessoal [curso]. Tento fazer o que eu aprendi, sem isso. Porque na realidade qualquer objeto é arma... Uma caneta já é uma arma... Por isso que eu já carrego só minha caneta. E às vezes elas carregam spray [de pimenta] que compram no sex shop. Aí podem usar. (Ana Paula – 23/10/2012)

A colaboração entre as mulheres durante seu trabalho é comum. Há, como já dissemos, o costume de trabalhar em duplas, de contar com alguma companheira para guardar seu dinheiro e a vigilância mútua entre essas mulheres. Além disso, a rede de informações formada por elas é bastante eficiente, apesar de sua informalidade. Informações sobre clientes problemáticos, caloteiros ou agressivos são rapidamente transmitidas, sobretudo baseadas nas características dos automóveis desses homens. Esses, quando chegam a avenida deparam-se com a apatia geral ou mesmo a animosidade exaltada de algumas mulheres, que podem agredi-los ou danificar seus carros.

- Você e suas colegas... Vocês chegam a trocar informações sobre clientes?

- Sim, realmente, quando um cliente já deu problema... Às vezes sempre tem uma que fala pra outra... A questão da violência. Anota a placa do carro, as características de quem tá aprontando na rua, não tem jeito, isso alastra rapidinho. (Ângela – 28/9/2012)

O que não parece ser tão comum ou tão simples é a transmissão aberta e clara de repertórios de segurança. Muitas mulheres gostam de trabalhar de um modo mais individualista, evitando passar seus conhecimentos às outras, novatas e veteranas. Apesar de colaborarem inúmeras vezes no funcionamento dos repertórios de segurança, as prostitutas das ruas não colaboram explicitamente na construção desses repertórios, e nem na sua difusão. Como nas boates, a maioria considera seus pares não como colegas, mas como concorrentes, devendo assim, tomar cuidado para não explicitar as suas próprias estratégias. Assim, elas colaboram para o funcionamento de repertórios – sobretudo os que demandam a participação de terceiros –, mas não facilitam sua difusão e aprendizagem, fazendo com que aí essas estratégias sirvam mais para hierarquizar do que para gerar coesão ao grupo.

Dessa forma, a socialização das neófitas fica prejudicada. As mais experientes assistem, com planejada indiferença, o sofrimento das novatas para se adaptarem ao novo espaço e escaparem da violência dos diversos atores aí inseridos. Assim, as prostitutas desse espaço, em geral, vão construindo, como já havia notado Pryn (1999), seus conhecimentos baseados em suas próprias experiências negativas, e também com algumas observações da práxis de suas colegas e, mais raramente, com alguma colaboração das mais experientes.

Para construir seu próprio conhecimento de segurança as prostitutas das ruas podem também contar com alguns materiais distribuídos por instituições governamentais. Esses pequenos manuais (como o que citamos no anexo I) são de grande valia, uma vez que apresentam algumas estratégias que, para as mais experientes podem parecer óbvias, mas que podem ser importantes para aquelas que estão começando sua carreira nas ruas. Como ressaltamos no capítulo relativo à região da Rua dos Guaicurus, a APROSMIG não possui grande penetração entre as profissionais do sexo que trabalham espalhadas pelas ruas da cidade. Porém uma série de outras instituições (tais como a Secretaria Estadual de Combate às DST/AIDS e a Secretaria Municipal de Vigilância em Saúde) contribuem aí para a difusão de estratégias de segurança e proteção entre essas prostitutas.

Anexo I: Folheto distribuído entre as prostitutas que trabalham nas ruas de Belo Horizonte

(Organizado por ONU, Sec. DST/AIDS, Sec. de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, sem data)

“Trabalho é cidadania”. (p.10)

Ser garota de programa não é crime. O seu trabalho é digno e você não precisa explicar para ninguém o que você faz: isso é assunto seu e de mais ninguém.

Dicas para Batalha

- Não use brincos, argolas, colares, armas, lenços no pescoço ou qualquer coisa que possa ser usada contra você;
- Use sapatos que permitam correr ou que sejam fáceis de tirar;
- Guarde seu dinheiro num lugar fácil de encontrar sem precisar ficar mostrando;
- Quando fizer boquete, fique atenta para as mãos do cliente;
- Bebidas e drogas fazem você perder a noção do perigo e deixar a camisinha de lado. Redobre a atenção;
- Quando entrar no carro do cliente tenha certeza de que a porta abre por dentro. Se o carro for de duas portas, fique no banco da frente, é mais fácil cair fora;
- Se algum cliente provocar alguma confusão, grite, buzine, faça escândalo, fuja. É muito melhor do que querer brigar;
- Não ande com drogas como maconha e cocaína, por exemplo, isso pode dar sérios problemas com a polícia. E respeite sempre a autoridade policial;
- Evite fazer sexo em locais públicos;
- Todo cidadão é obrigado a portar documento de identidade. Não vacile com isso;
- Se estiver sozinha na batalha, finja que está acompanhada.

Anexo II: Lista de eventos violentos e repertórios utilizados por prostitutas de rua

Repertórios de Seleção (Para evitar alguns dos eventos à direita)	Eventos Violentos	Repertórios
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar mais cedo; • Preferir clientes <i>habitués</i>; • Recusar bêbados e drogados; • Recusar <i>ménage</i>; • “Intuição” 	<p><u>Agressão</u></p> <p>Impetrada por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Traficantes; • Noias; • “boyzinhos” <p><u>Calote</u></p> <p><u>Roubo</u></p> <p>Impetrado por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Pequenos traficantes 	<p><u>Dissuasão</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ameaça de escândalo. <p><u>Evasão</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Evitar retirar toda a roupa; • Observar sistema de abertura do veículo. <p><u>Proteção</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar em duplas; • Receber pagamento adiantado; • Não carregar dinheiro consigo; • Observar comportamento do cliente durante o ato sexual; • Utilizar-se da segurança de motéis e <i>drive-ins</i>. • Atenção às roupas utilizadas; • Evitar, se possível, posições sexuais arriscadas; • Armas (não convencionais)

Conclusão

Violência nos diferentes espaços de prostituição

Repertórios de seleção

Repertórios de dissuasão

Repertórios de proteção

Repertórios de Evasão

Transmissão de repertórios e socialização

Nesse trabalho tratamos dos repertórios de segurança criados e transmitidos entre três grupos distintos de prostitutas: as que trabalham nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus, as que trabalham em boates e as que realizam suas atividades nas ruas.

Dessa forma, por estarem em espaços diferentes, mais ou menos seguros, e por compartilharem esses espaços com agentes diversos, é natural que as prostitutas de distintos espaços sofram o impacto da violência de maneira diferente e, se esses espaços são atingidos violentamente de diferentes formas por distintos agentes, é natural que as mulheres desses diversos ambientes criem repertórios de seguranças diferentes, como uma resposta à ação dessa violência em seu meio.

Para caracterizar esses repertórios, tomamos emprestadas as ideias de Mathieu (2002), que organiza esse conhecimento em quatro áreas: repertórios de seleção, dissuasão, proteção e evasão.

Com relação aos repertórios de seleção, podemos dizer que não há grandes diferenças entre os espaços. Um aspecto a ser destacado é a participação de terceiros (sobretudo funcionários) no trabalho de seleção de clientes nas boates e nos hotéis da região da rua dos Guaicurus. Ali, o primeiro trabalho de seleção é feito por porteiros e seguranças, que impedem a entrada no ambiente de homens que se enquadram em características potencialmente perigosas, tais como bêbados, doentes e drogados. Resta às mulheres selecionarem algum desses “indesejáveis” que porventura tenha passado pelo crivo dos funcionários do estabelecimento.

No caso das boates, muitas vezes alguns clientes indesejáveis são impostos às mulheres que ali trabalham, sobretudo por possuírem boas relações com os funcionários que trabalham nesses estabelecimentos. Esses casos se referem, sobretudo, a clientes alcoolizados, uma vez que os donos das boates ganham quantias consideráveis vendendo bebidas alcólicas aos clientes que frequentam esses locais. Muitas vezes esses eventos geram conflitos, sobretudo porque muitos clientes, alcoolizados e

incapazes de realizar um programa sexualmente satisfatório, demandam de volta seu dinheiro, que é muitas vezes devolvido pelos funcionários da casa e não reembolsado às mulheres.

As prostitutas que trabalham nas ruas naturalmente possuem um repertório de seleção muito mais desenvolvido que em outros espaços, uma vez que só podem contar com elas mesmas para selecionarem seus clientes. Entre as diversas táticas de seleção de clientes, podemos citar o horário de trabalho (clientes que fazem programas mais cedo são, em geral, mais “honestos”), a preferência por clientes já habituados à prostituição, a recusa a bêbados e drogados e a recusa à prática do *ménage*, uma vez que fazer programas com dois clientes, sem o apoio de agentes de segurança pode ser extremamente arriscado.

Em relação aos repertórios de dissuasão, há também uma forte diferenciação entre os espaços. Na região da Guaicurus e nas boates, existe um aparato de segurança, composto de funcionários e equipamentos que dissuadem potenciais agressores. Nas ruas as mulheres não podem contar com esse aparato, embora muitas vezes utilizem-se do aparato de segurança de motéis e *drive-ins*. Nas ruas as mulheres utilizam-se da ameaça de escândalo para dissuadir potenciais agressores. Na região da Rua dos Guaicurus, as mulheres se utilizam de seu ar *blasé* e de sua firmeza de opiniões (sobretudo no momento da negociação) para dissuadir os clientes que podem gerar situações de conflito.

Os repertórios de seleção e dissuasão funcionam geralmente *antes* do evento violento. Se esses repertórios falham e o evento violento é iminente, as mulheres podem lançar mão de repertórios de proteção ou de evasão.

Entre todos os conhecimentos desenvolvidos pelas prostitutas, onde há mais riqueza de detalhes e complexificação é entre os repertórios de proteção. Mesmo podendo contar com o auxílio de outros homens, sobretudo funcionários dos estabelecimentos onde trabalham, as prostitutas que trabalham nas boates e nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus também desenvolveram vários conhecimentos relacionados aos repertórios de proteção.

Nos hotéis da Rua dos Guaicurus, as mulheres podem chamar os seguranças, mas também podem trocar informações sobre clientes problemáticos, evitam posições sexuais arriscadas, evitam programas com dois clientes (sobretudo se forem desconhecidos) e vigiam-se, sobretudo observando os indícios de agressões (em geral sonoros) nos quartos das suas vizinhas.

Nas boates, apesar de também contarem com o apoio de terceiros, as mulheres também possuem considerável repertório de proteção. Entre suas táticas, podemos citar a atenção dada às roupas de trabalho (para evitar fornecer, com elas, armas para clientes violentos), a recusa a determinadas posições sexuais, os gritos para alertar colegas e funcionários em caso de agressão e o porte de pequenas facas para defender-se de clientes e, sobretudo, de colegas violentas.

Nas ruas, espaço mais precário e violento, naturalmente a quantidade de conhecimentos relacionados à proteção é expressiva. Entre essas táticas, podemos citar o trabalho em duplas, o recebimento do pagamento adiantado, o fato de as prostitutas não portarem seu dinheiro durante os programas, a observação do comportamento do cliente durante o programa, a atenção às roupas de trabalho, pelos motivos já citados acima, a recusa a algumas posições sexuais e o porte de armas não convencionais, sobretudo sprays de pimenta.

Se os repertórios de seleção e dissuasão falham e se a mulher não quiser (ou não puder) contrapor-se às agressões dos diversos atores violentos de seu ambiente (através dos repertórios de proteção), resta a ela a opção da fuga. Repertórios relacionados à evasão não foram encontrados entre as prostitutas de boates e da região da Rua dos Guaicurus, uma vez que ali elas trabalham em ambientes fechados e mais ou menos seguros, o que impossibilita sua fuga. Entre as prostitutas que trabalham nas ruas, há um conhecimento mais ou menos desenvolvido em relação às possibilidades de fuga, tais como observar o sistema de trancamento e abertura dos automóveis nos quais fazem programas e evitar retirar toda a roupa durante esses programas.

A transmissão de conhecimentos de segurança também acontece de maneira diferente entre os espaços de prostituição.

Nos hotéis da Guaicurus, como dissemos, a transmissão é facilitada pelo clima pacífico e de camaradagem entre as mulheres. Além disso, nesse espaço a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG) possui importante penetração e representatividade, facilitando a transmissão de conhecimentos de segurança, através de divulgação institucional, cursos, encontros, etc.

Nas boates, a transmissão, assim como a colaboração entre as mulheres, é tremendamente prejudicada pelas animosidades presentes entre as mulheres desse meio. De certa forma, a transmissão plena de repertórios não funciona, fazendo com que esses conhecimentos se expandam de uma maneira lenta e incompleta, quando se expandem.

Nas ruas, onde os repertórios antiviolação são mais demandados, a transmissão desses conhecimentos também é prejudicada pela indiferença ou pela hostilidade que reina entre essas mulheres. Quando são transmitidos, esses repertórios não o são de maneira plena, geralmente ficando restritos a pequenos grupos de prostitutas mais “amigas”, que evitam que suas táticas se difundam por todo o meio.

Esses diferentes espaços, ao apresentarem formas diferentes de transmissão do conhecimento de segurança, também socializam de maneiras diferentes suas novatas, uma vez que essa socialização tem como base as noções de respeito, teatralização e distanciamento (Pryen, 1999), noções essas construídas sobre um domínio de repertórios de segurança.

Nos hotéis da Guaicurus a socialização das neófitas é realizada num ambiente menos hostil, onde a colaboração entre mulheres é regra, e não exceção. Dessa forma, a aprendizagem de repertórios e a inserção dessas mulheres no meio prostitucional é menos traumática, embora não esteja isenta de percalços.

Nas boates, assim como nas ruas, a socialização é mais complicada, uma vez que as prostitutas mais experientes não veem com bons olhos as novatas que chegam. Em geral as veteranas consideram-nas como concorrentes que, rapidamente (se forem bem socializadas), podem colocar seu domínio em xeque. Portanto, geralmente, as mais experientes se negam a transmitir seus conhecimentos às mais novas ou os transmitem de maneira parcial, evitando “abrir o jogo” com essas novas mulheres, de modo que, em caso de disputa ou de perigo, possam ainda ter alguma vantagem sobre as novatas.

Dessa forma, podemos afirmar, como dissemos na Introdução, que os repertórios de segurança podem nos ajudar muito a compreender as características de cada espaço prostitucional e, dessa forma, podem desnudar conflitos e idiosincrasias que mostram o quão heterogêneo esse universo pode ser.

Anexo I: Tabela Comparativa Sobre as Diversas Características dos Espaços de Prostituição

Características	Guaicurus	Boates	Ruas
Intensidade da Violência	Baixa	Média	Alta
Principal Agente Violento	Clientes	Colegas	Clientes
Repertórios de Segurança (complexidade)	Baixa	Baixa	Alta
Repertórios de Seleção	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Desenvolvidos (mas clientes indesejáveis podem ser impostos)	Muito desenvolvido
Repertórios de Dissuasão	Desenvolvidos	Pouco desenvolvidos (não são necessários)	Pouco desenvolvidos
Repertórios de Proteção	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Muito desenvolvidos
Repertórios de Evasão	Não há	Não há	Desenvolvidos
Complexidade dos Processos de Negociação	(Baixa) Negociação Programa	(Alta) Bebida Sedução/Show Programa	(Alta) Escolha Negociação Programa
Complexidade dos Programas	Programas pouco complexos (há alguns complexos, minoria)	Programas mais complexos (banalização do <i>ménage</i> , e de fantasias sexuais)	Existem programas mais complexos, com mulheres especializadas nisso, mas não são maioria.
Colaboração na Construção e Funcionamento de Repertórios de Segurança	Alta	Baixa	Alta
Transmissão de Repertórios	Facilitada	Dificultada	Dificultada
Socialização de Neófitas	Facilitada	Dificultada	Dificultada

Anexo II: Detalhamento dos Eventos Violentos em Cada Espaço de Prostituição

Guaicurus	Boates	Rua
<p><u>Agressão Física</u> Impetrada por clientes.</p> <p><u>Calote</u></p> <p><u>Desrespeito aos combinados do programa</u> (preservativo e tempo)</p>	<p><u>Calote</u> (sobretudo realizado através de cheques sem fundos passados por clientes. Os donos das boates não arcam com esse prejuízo);</p> <p><u>Agressão física:</u> Impetrada por (em ordem de importância):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Colegas; • Funcionários; • Clientes. 	<p><u>Agressão</u> Impetrada por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Traficantes; • Noias; • “boyzinhos” <p><u>Calote</u></p> <p><u>Roubo</u> Impetrado por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Pequenos traficantes

Anexo III: Detalhamento de Repertórios em Cada Espaço de Prostituição

	Guaicurus	Boates	Ruas
Repertórios de Seleção	(terceirizados a porteiros e seguranças) Tipos recusados: * Jovens; * Bêbados; * Sujos; * Drogados; * “Estranhos” (mal encarados)	(terceirizados a porteiros e seguranças) São recusados: * Homens com precária higiene pessoal; * Homens que aparentam estarem doentes. (mas clientes indesejáveis podem ser impostos)	*Trabalhar mais cedo; *Preferir clientes <i>habitués</i> ; *Recusar bêbados e drogados; *Recusar <i>ménage</i> ; *“Intuição”
Repertórios de Dissuasão	*Postura corajosa/blefe *Conversam com o cliente (firmemente, sem margem para negociações) *Ar blasé *Ameaçar chamar gerentes/seguranças	Terceirizada, através de funcionários da boate e aparato de segurança.	*Ameaça de escândalo.
Repertórios de Proteção	*Chamar gerentes/seguranças *Evitar posições sexuais arriscadas, ou ficar atentas à elas *Mulheres vigiam-se *Recusar programas com dois clientes (exceto conhecidos) *Troca de informações	* Gritar (para chamar funcionários); * Atenção às roupas usadas no trabalho; * Atenção à determinadas posições sexuais; * Armas (sobretudo facas, para se defender de colegas).	*Trabalhar em duplas; *Receber pagamento adiantado; *Não carregar dinheiro consigo; *Observar comportamento do cliente durante o ato sexual; *Utilizar-se da segurança de motéis e <i>drive-ins</i> ; *Evitar, se possível, posições sexuais arriscadas; *Armas (não convencionais)
Repertórios de Evasão	Não há.	Não há.	*Evitar retirar toda a roupa; * Ver sistema de abertura do carro.

Anexo IV: Processos de Colaboração, Transmissão e Socialização entre os Espaços de Prostituição

	Guaicurus	Boates	Ruas
Colaboração na Construção e Funcionamento de Repertórios de Segurança	<p><u>Alta</u></p> <p>*Mulheres mantêm um clima ameno; *Mulheres vigiam-se *Mulheres agredem agressores</p>	<p><u>Baixa</u></p> <p>*Existe um forte clima de animosidade; *Mulheres procuram realizar seu trabalho o mais individualmente possível.</p>	<p><u>Alta</u></p> <p>*Trabalho em duplas; *uma cuida do dinheiro da outra; *Prostitutas vigiam colegas que fazem programas em carros.</p>
Transmissão de Repertórios	<p><u>Facilitada</u></p> <p>*Repertórios são abertamente transmitidos, entre experientes e para as neófitas. *APROSMIG auxilia na difusão de repertórios de segurança.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Prostitutas encaram-se sempre como concorrentes; *Repertórios devem ser deixados em segredo.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Prostitutas encaram-se às vezes como concorrentes; *Repertórios devem ser deixados em segredo.</p>
Socialização de Neófitas	<p><u>Facilitada</u></p> <p>*Novatas são bem acolhidas e não são vistas como concorrentes; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências positivas.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Novatas são acolhidas com indiferença ou hostilidade; *Não há interesse em ensiná-las; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências negativas.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Novatas são acolhidas com indiferença ou hostilidade; *Não há interesse em ensiná-las; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências negativas.</p>

Referências Bibliográficas

- BARRETO, L.C.: *Prostituição, Gênero e Sexualidade : Hierarquias Sociais e Enfrentamentos no Contexto de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, UFMG, 2008)
- BECKER, Howard S.: *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FABREGAS – MARTINEZ, A.I. e BENEDETTI, M.R. (Org.): *Na Batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre, Ed. Dacasa, 2000.
- FARLEY, M.: *Prostitution harms women even if indoors*. In: *Violence Against Woman*, Vol. 11, no.7, July 2005.
- FREITAS, R. S.: *Bordel, Bordéis: Negociando Identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GASPAR, M.D.: *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- MATHIEU, L. : *Quand « la peur devient une existence » : sur la place de la violence dans le monde de la prostitution*. *L'Homme et la Société*, no. 143-144, janeiro-junho de 2002.
- MATHIEU, L. *L'Espace de la Prostitution, Elements Empiriques et Perspectives en Sociologie de la Deviance*. *Sociétés Contemporaines*, no. 38, 2000
- MCKEGANEY, N. e BARNARD, M.: *Sex Work on the Streets: Prostitutes and their clients*. Buckingham, Open University Press, 1996.
- PERLONGHER, N.: *O negócio do Michê: A Prostituição Viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PRYEN, S.: *Stigmate et Métier. Une Approche Sociologique de la Prostitution de Rue*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999
- SIMMEL, G.: *Philosophy of money*. Translate David Frisby and Tom Bottomore. New York: Routledge, 1990.
- TEIXEIRA, M.R.: *Prostituição e Polícia: Um Estudo de Caso*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Brasília. 2003.